



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

GIUSEPPE MEMOLI NETO

A performatividade dos contratos eróticos no BDSM/Fetichismo

Florianópolis
2019

Giuseppe Memoli Neto

A Performatividade dos contratos eróticos no BDSM/Fetichismo

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Antropologia da
Universidade Federal de Santa Catarina
para a obtenção do grau de Bacharel em
Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Scott Corell Head

Florianópolis
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Memoli Neto, Giuseppe

A performatividade dos contratos eróticos no BDSM/fetichismo / Giuseppe Memoli Neto ; orientador, Scott Corell Head, 2019. 81 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Antropologia, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Antropologia. 2. Antropologia e Performance. 3. BDSM. 4. Contratos. I. Head, Scott Corell. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Antropologia. III. Título.

Giuseppe Memoli Neto

A performatividade dos contratos eróticos no BDSM/Fetichismo

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à banca examinadora para fins de avaliação e obtenção do título de Bacharel em Antropologia, orientado pelo Prof^o. Dr. Scott Corell Head.

Florianópolis, 16 de dezembro de 2019.

Banca Examinadora:

Prof^o. Dr. Scott Corell Head. Departamento de Antropologia/UFSC
Presidente da Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Letícia Maria Costa da Nóbrega Cesarino. Departamento de
Antropologia/UFSC

Prof^a. Vânia Zikán Cardoso. Departamento de Antropologia/UFSC

*A todos os “pervertidos” e “pervertidas”
que tornaram este trabalho possível.*

AGRADECIMENTOS

Escrever não é somente um fazer, mas também um momento. Um momento solitário e de afastamento. Entretanto, este trabalho não seria possível se não houvessem importantes presenças.

Agradeço imensamente aos meus pais, Luciana e Victor, por tomarem meu sonho como o deles também, e por sempre me apoiarem nestes quatro anos que passei.

Aos colegas da turma de antropologia de 2016, foi um prazer embarcar nesta jornada com vocês. Aos colegas de graduação, pós-graduação e professores do GESTO (Grupo de Estudos de Oralidades e Performance). Aos professores do Departamento de Antropologia, pelos quais sempre terei eterna gratidão.

Ao meu orientador Scott Head, por aceitar meu projeto com entusiasmo e pelas orientações, ou “desorientações”, como faz questão de chamar.

Aos meus amigos filósofos Cris, Nico e Toninho.

Aos meus amigos antropólogos – e futuros antropólogos – Sérgio, Lari, Elaine, Peter, Vitão, Bruno, Bea, Dario e ao Yves, que me inspirou com sua paixão pela antropologia. Agradeço pelas discussões, pelos bares, festas e por fazerem esta jornada tão harmoniosa e divertida.

À Amanda, pelo carinho e apoio – que se estende até sua contribuição direta com seus belíssimos desenhos para esta monografia.

Aos meus amigos e interlocutores, Althea, Noctis, Lunitari, Lua, C e Arturo Lobo, pelo entusiasmo com a minha pesquisa, pela receptividade e pela amizade que pudemos formar.

*“Kiss the boot of shiny, shiny leather
Shiny leather in the dark
Tongue of thongs, the belt that does await you
Strike, dear mistress, and cure his heart”*
(Venus in Furs, Velvet Underground)

*“Ante a altivez do teu prazer, me enlaça
Na dura algema fria que me
prende
E se me abafa o gemido a
mordança,
Meu corpo é entregue ao
galopar fremente!”*
(Soneto Abrasador, Thiago Nelsis)

RESUMO

Esta etnografia com praticantes de BDSM/Fetichismo na Ilha de Florianópolis, SC pesquisa os contratos eróticos que fazem parte da prática fetichista em uma noção de “fazer sendo”. Assim, a partir de estudos de antropologia e performance articulados com discussões de gênero, sexualidade e práticas sexuais e eróticas, visa perceber uma dimensão destes contratos para além do consentimento, a dimensão performativa. Logo, o foco nos contratos permite observar como estes estão envolvidos na produção de um contexto erótico, onde os praticantes encenam identidades performáticas eróticas que visam deslocar pressupostos e modelos; permite observar também a proposta de novos modelos eróticos, que expandem a busca de prazer para além do ‘fazer sexo’.

Palavras-chave: Antropologia e Performance. Contratos. Contratos eróticos. BDSM.

ABSTRACT

This ethnography with BDSM/Fetichism players in the Isle of Florianópolis, SC researches the erotic contracts that are produced in the fetishist practice based on a notion of “do/being”. Thus, from the studies of anthropology and performance articulated with discussions about gender, sexuality, sexual and erotic practices, this ethnography aim to realize a dimension about these contracts beyond consent, the performative dimension. Therefore, focusing on the erotic contracts let us observe how they are involved in producing an erotic context, where the players do their performative erotic roles that aim to shift social assumptions and models; and also let us observe the proposal of new erotic models, which expands the search for pleasure to beyond sex itself.

Keywords: Anthropology and Performance; Contracts; Erotic Contracts; BDSM.

SUMÁRIO

Prelúdio, 11

Introdução, 17

Capítulo 1 – O Contrato Etnográfico: *Voyeurismo* ou observação participante?, 25

1.1. Uma antropologia do Segredo, 30

1.2. A Senhora e o Ordinário, 33

1.3. A Linguagem Compartilhada, 37

Capítulo 2 – O Tato e o Contrato, 41

2.1. A Produção de papéis, 47

2.2. Conhecimento Corporificado, 54

2.3. O Contrato Superado, 60

2.4. A Performatividade dos contratos: da narrativa à recepção,
69

2.5. Resignificar, 72

Considerações finais – Por uma antropologia do Erotismo, 77

Referências bibliográficas, 80

Prelúdio

A festa ocorreu no dia 14 de novembro [de 2018], com início marcado para às 21h no bar Taliesyn, centro de Florianópolis. Foi a primeira edição do evento produzido naquele bar. Fazia calor e o céu nublado ameaçava chover. Fui acompanhado de um amigo e chegamos relativamente cedo, ainda estavam organizando o lugar. Dentro, já havia algumas pessoas com as quais conversei um pouco; eu conhecia parte destas pessoas pelo fetlife¹ e através de conversas com minha interlocutora Althea.

Dentro do bar, no corredor que levava à pista de dança, em uma estante comprida, havia diversos produtos de Sex Shop para venda, algo que descobri ser uma constante nestas festas. Na pista de dança, dois DJs preparavam o setlist, chamado de “Erótik setlist”, era uma mistura de música pop, rock e eletrônica.

A Sex Tape é uma festa que propõe ao participante uma liberdade com seus corpos, visa misturar elementos de uma festa noturna com temática e performances fetichistas. Para isso, ela permite (e estimula) o uso de roupas “ousadas”, neste caso o dress code era “fetiche”. Muitas pessoas vestiam roupas transparentes, homens trajando blazer e terno, mulheres surgiam como magníficas potestades, vestidas em couro, látex e salto alto. Um dos DJs vestia uma camiseta preta com dois cortes que expunham os mamilos em conjunto com apenas uma cueca (bem justa).

¹ Rede social com temática fetichista que falarei mais adiante.

Em uma das salas, com visão para a pista de dança, estava o Bando de Arte Livre Van der Ground. Constantes performers nestas festas, nesta edição haviam montado uma exposição com diversas peças espalhadas pelo recinto. Chamavam-no de museu. Entre as peças, havia um manequim fetichista zentai², um frasco com um falo dentro (este era chamado de “A morte do Patriarcado”), um ventilador ensanguentado com o nome de Santa Catarina, abaixo um “Estatuto da Criança e do Adolescente” também ensanguentado (“ECA”), uma irônica taça da Copa do Mundo e diversos escritos espalhados pelo espaço.

Na medida em que mais pessoas chegavam, as pistas de dança ficavam cheias. O DJ parou a música e começou a chamar a atenção para o palco. Com o clima de pós-eleições, fez um discurso a favor da liberdade dos corpos; da resistência. Em seguida, introduziu dois performers, a dupla House of Sorceries. A música volta na forma de uma intensa batida (muito alta, em repetição) e uma dança de movimentos rápidos começa. Pulavam contorcendo os braços, esfregando-os no corpo e despiam-se de suas blusas. Foi uma rápida performance, mas um momento de efervescência em que a festa toda se animou. Quando os artistas desceram do palco e o setlist retornou, as pistas de dança estavam cheias.

Notei que havia públicos distintos, separados principalmente pela perspectiva dos que foram pelo evento, ou seja, pela festa temática; e aqueles que foram como frequentadores do bar – como me disseram alguns interlocutores, isso não está muito na ideia do que é chamado de “a festa ideal”. Percebi que a mistura do público produzia reações –

² Prática que envolve alguém vestido completamente de malha (incluindo a cabeça).

muitas vezes - de espanto entre aqueles que não foram pela temática. Fiquei sabendo que nos eventos anteriores havia diversas cenas ocorrendo no lugar, havendo “cantos” para praticantes de certos fetiches (como por exemplo o canto dos podólatras, fetichistas por pés que ofereciam massagens às pessoas), pessoas amarradas espalhadas pelo local e muitas outras práticas que poderiam ser presenciadas “ao vivo”.

Logo após o primeiro show, abriu-se espaço para as performances individuais. Infelizmente nem todas as performances marcadas puderam acontecer. Foi nesse momento que Althea³ me perguntou se eu não gostaria de participar de uma cena que alguns amigos dela estavam fazendo, em um local privado nos fundos da sala onde estava o museu. Eu estava curioso – já havia observado que havia algo acontecendo ali – e prontamente aceitei, com a premissa de Althea de que seria uma experiência aprazível. Ao me apresentar e dizer um “cuidem bem dele”, Althea me deixa na companhia do trio que conduziria a cena, uma mulher e dois rapazes. Disseram-me que o objetivo da cena era propiciar algo prazeroso e, portanto, caso eu me sentisse desconfortável em algum momento ou quisesse por algum motivo parar, bastava eu dizer “Lulalivre”, nossa safeword, ou seja, palavra de segurança para interromper a prática. Entreguei meus óculos e fui vendado. Conduziram-me por uma porta até este “quarto” privado, tomaram minhas mãos e amarram-nas. Em seguida, começaram a envolver meu corpo, desabotoaram a camisa e passavam as mãos pelos

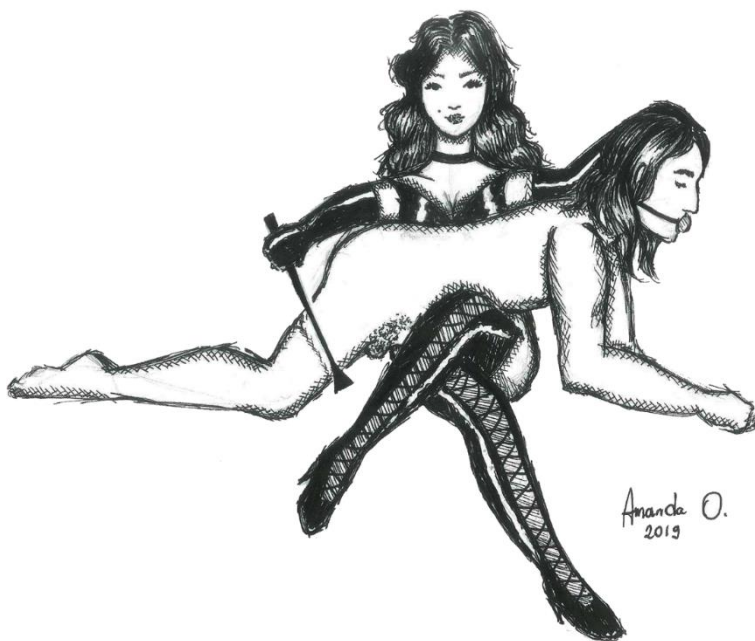
³ Minha principal interlocutora. O motivo de eu usar este nome é o mesmo motivo pelo qual este nome existe. Para formularem encontros, troca de informações e eventos e encontro de pessoas que participam do meio BDSM, redes sociais fetichistas (e não-fetichistas também) são usadas e nestas, o uso de pseudônimos é bastante comum, seja para proteger seus verdadeiros nomes e informações pessoais, seja pelo caráter estético que as performances adquirem com eles.

meus cabelos e braços. A mulher, em tom autoritário, falava do meu cabelo, da minha barba. Seguraram meu queixo para abrir minha boca, onde derramaram leite, em meio a comentários jocosos. Entre estes gestos, deslizaram uma cinta pelas minhas pernas e coxas, retiravam-na para que voltasse em forma de golpe. Perguntaram-me se estava tudo bem e respondi que sim, que podíamos continuar. Cada golpe que meu corpo resistia parecia estimulá-los nos próximos, que vinham mais fortes – mas ainda assim bem controlados, que causavam a dor, mas não machucavam. A postura do trio era determinante para criar o clima da cena, a voz autoritária, os sussurros; a cena foi cuidadosamente montada para brincar com as sensações da parte passiva. Vendado, eu não sabia quando algo aconteceria, mas a subalternidade do papel que eu estava, era compensada por uma atenção dada às minhas reações. No final, entregaram-me um display com um jogo em um aparelho parecido com uma urna eletrônica e retiraram minha venda, mantendo apenas minhas mãos presas uma na outra; eu devia jogá-lo, superando os obstáculos do cenário – e os obstáculos físicos, como as amarras - com pulos e cada erro seria “punido” com um golpe de cinta. Devido a minha miopia – e nesse momento eu estava sem óculos devido ao uso anterior da venda - meu desempenho no jogo foi péssimo e fui prontamente “punido”. Quando terminado a cena, fui desamarrado e agradecido pela confiança – agradecei-os também pela experiência, e fui deixado na sala para poder me arrumar.

Quando voltei para a pista de dança, as performances individuais continuavam e Althea estava no palco performando uma

*dança burlesca*⁴. Estava nua da cintura para cima, com protetores de mamilo que combinavam com os brincos, conduzindo o corpo em uma dança sensual enquanto uma música com elementos de jazz tocava na pista.

⁴ São apresentações e danças com elementos de paródia de costumes (seus elementos de *strip-tease* lembram a chanchada também) onde a teatralidade e a dança se mesclam à exageros simbólicos, entre o humor, o grotesco e o erótico.



A imagem⁵ representa uma cena de *femdom*, ou seja, dominação feminina, onde a parte submissa (um homem) usa uma *ball gag*, objeto inserido na boca, para limitar os movimentos desta, ao mesmo tempo em que a mantém aberta. A parte ativa usa uma chibata e roupas que a diferem de sua “outra parte” desnuda.

⁵ Os dois desenhos que fazem parte desta monografia foram feitos para a mesma e cedidos por Amanda Onishi, pela qual sou muito grato.

Introdução

Essa monografia trata dos contratos eróticos que não apenas são produzidos, mas cuja produção dos mesmos faz parte daquilo que se compreende como prática fetichista, ou BDSM, que por sua vez aponta para uma dimensão performativa destes mesmos contratos: no sentido em que contribuem ao fazer dos acontecimentos. Parte deste trabalho é dizer como esta dimensão performativa compõe esta prática fetichista, a partir de uma noção de “fazer sendo”. Apresento este trabalho como uma reflexão a partir de um conjunto de experiências, cujo engajamento permitiu-me tentar realizar uma etnografia das práticas fetichistas. Logo, meu objeto são os contratos que compõem estas práticas fetiches, e não as práticas fetichistas em si. Como ferramenta analítica, separei a prática fetichista em: contrato e cena. Mas estas duas categorias não devem ser entendidas como dois momentos, em que os contratos necessariamente precedem as cenas, mas como elementos que se justapõem, complementam-se e se compõem. Esta monografia também pretende contribuir com a literatura acerca das práticas sexuais e eróticas não normativas – assim como introduzir uma reflexão sobre essas normatividades e não-normatividades – e discussões acerca dos contratos eróticos a partir de teorias da performance.

BDSM é um acrónimo para *Bondage*⁶, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo⁷, considerados os maiores subgrupos de práticas fetichistas. Este acrónimo, entretanto, não se limita a tais práticas e, assim como meus interlocutores em geral se referem a ele, usarei o termo muitas vezes para descrever o fetichismo ou, o “universo fetichista”. Com isso, não podemos pensar no BDSM apenas como um conjunto de práticas exóticas sendo executadas, mas como uma nova proposta de perceber o corpo; de pensar novos modelos eróticos, assim como outros modos de fazer sexo.

Pretendo apresentar ao leitor, como estes modos outros de fazer sexo são produtos de diversas determinações que serão tratadas adiante, entre elas o da produção de um contexto erótico e o das ressignificações, dado que estes aspectos também cernem aos contratos. Pretendo mostrar como estas práticas também vão para além de outros modos de fazer sexo, no sentido em que a questão “o que pode um corpo fazer em questão de prazer?” suscitará uma reflexão acerca de novos modelos eróticos que propõem diferentes relações práticas e performáticas entre os praticantes, seus corpos e a busca pelo prazer.

O BDSM idealiza uma liberdade das práticas na medida em que tensiona os indivíduos a experimentarem e expandirem seus limites eróticos. Os atos de derramar o leite na boca de alguém, batê-lo com uma

⁶ Refere-se a uma prática de dominação e suspensão de sentido onde o submisso é amarrado e/ou preso, tendo seus movimentos parcialmente ou totalmente suprimidos.

⁷ Nomes provenientes de Marquês de Sade e Sacher-Masoch, respectivamente. O primeiro trata-se da obtenção de prazer através do sofrimento e humilhação de outrem, enquanto o outro da obtenção de prazer a partir do sofrimento e humilhação de si mesmo; ambos foram e ainda são em alguns casos considerados casos clínicos e perversões sexuais.

cinta, descritos no prelúdio, só podem ser erotizados na medida em que são ressignificados. Para que isso ocorra, contudo, é necessário que se produza um contexto erótico. A história do BDSM é uma história de ressignificações, a partir de um universo simbólico auto referencial que permite produzir os contextos para a prática fetichista. Podemos ver isso no senso comum, na medida em que a chibata, o couro, o látex, e diversos outros elementos e objetos pertencem em algum nível a uma simbologia fetichista.

O BDSM levou muito tempo para tomar a forma e a popularização que tem hoje. Temos diversas lojas especializadas em produtos para práticas sexuais “alternativas”, temos na mídia, diversos filmes e séries, como o sucesso de bilheteria *50 Tons de Cinza* e *Bonding*, para apenas referir a dois exemplos mais recentes. Desde a literatura libertina de Sacher-Masoch e Sadê, a aceitação das práticas mudou também no ocidente, na medida em que além de uma presença em filmes, séries e livros, o BDSM ganha espaço com lojas especializadas e *workshops* sobre práticas relacionadas. A noção de perversão sexual, por exemplo, há muito é contestada e há uma preocupação entre os praticantes em apresentar uma legitimidade a estas práticas, sendo o contrato, como irei discorrer adiante, um destes elementos responsáveis pela legitimação das práticas. É interessante como a ressignificação e apropriação de termos e objetos – muitas vezes termos pejorativos – ainda é tradição do universo fetichista. O termo perversão, por exemplo, é muito popular entre os praticantes, sendo recorrente uns chamarem os outros assim. É constante do contexto erótico fetichista, a sátira com modelos e pressupostos sociais. Como apontam Díaz-Benitez e Figari (2009), quando se definiu aquilo que era norma, definiu-se também aquilo que

está fora dela. Assim, na margem desta normatividade, ficou-se todo um universo de práticas “dissidentes”. Mesmo com uma aceitação maior destas práticas, os praticantes se apegam a tal “dissidência” como uma “bandeira” para definirem uma fronteira entre o normativo, chamado pelos praticantes de *baunilha*, e o fetichista.

As cenas são o momento e lugar onde aquilo que é definido por contrato ocorre. Onde os papéis são dispostos, encenados e é o momento na prática fetichista onde o contexto erótico já está formado e onde ocorrem os fetiches enquanto prática. Fetichismo é uma palavra que está em lugar comum com as ciências humanas. Fetichismo usualmente é tido como o poder atribuído à algum objeto que não está neste objeto em si (MARX, 1867). A palavra fetiche para descrever práticas e estéticas sexuais veio a ser utilizada muito mais pelos seus praticantes no século passado. A psicologia que utilizava muito mais a ideia de parafilias (que substituiu por sua vez a ideia de ‘perversão sexual’⁸) passou ao uso da palavra fetiche com um psicólogo chamado Alfred Binet pela primeira vez em 1887. Durante este trabalho, empregarei o uso da palavra fetiche por ser a usada por meu grupo de interlocutores e pelos praticantes fetichistas em geral.

Entendo que o leitor talvez se sinta instigado a saber mais sobre o que ocorre, de fato, nestas cenas, na resignificação, ou melhor, erotização de elementos não naturalizados como eróticos se desdobrando nestas mesmas atuações e nos fetiches definidos para a cena. Compartilho, em muitos momentos, desta mesma ânsia em descrever

⁸ Embora o fim da atribuição de certos fetiches como patologias veio a ocorrer mais de 50 anos depois. O masoquismo e o sadismo, por exemplo, foram práticas que tardaram a ser estudadas para além de doenças ou “perversões”.

estes momentos, mas esta monografia tratará especificamente dos contratos eróticos, apresentando as cenas enquanto relacionadas a estes.

Os contratos se mostraram presentes nas práticas e nas discussões acerca destas. Isso porque se alguém te pergunta, vamos fazer uma *play*?, referindo-se a fazer uma cena, segue-se a pergunta: o que faremos? Esta monografia vai se ater as implicações deste “o que faremos?”. Embora a discussão dos contratos não seja algo novo para a antropologia, observei que pouco foi falado das implicações dos contratos fetichistas. Primeiramente, eu tomava meu objeto como contratos sexuais, entretanto, no final do processo de escrita da monografia, mudei para contratos eróticos. Isso porque, mais do que pensar em outras formas de ‘fazer sexo’, o BDSM está propondo modelos eróticos que fujam de uma pretensa normatividade, para justamente pensar o prazer através de práticas e performances além do ‘fazer sexo’. Outro motivo para a mudança, foi a fuga de uma potencial ambiguidade que o termo ‘contrato sexual’ poderia produzir. *O Contrato Sexual* (1988), de Carole Pateman, por exemplo, aponta justamente para o elemento da subordinação a partir dos modelos de gênero da sociedade. Tentando fugir de uma possível ambiguidade entre gênero e sexualidade com práticas sexuais e eróticas, assumo também que há uma diferença entre estes contratos. Estes contratos eróticos, inclusive, pretendem justamente deslocar os modelos e pressupostos de gênero e sexualidade. Então, o que são os contratos eróticos do BDSM?

Usarei a pretensão de responder tal pergunta para guiar o leitor na leitura desta monografia e por isso reitero sempre que, neste trabalho, meu foco será nos contratos e no que eles implicam tais como aparecem em pesquisa de campo realizada na Ilha de Florianópolis, Brasil.

O acesso às cenas privadas encenadas pelos praticantes do grupo pesquisado, entre 2018 e 2019 em Florianópolis, permitiu um engajamento diferenciado e acesso a experiências pouco descritas na bibliografia fetichista antropológica. Este acesso permitiu que eu me deparasse com diversas formas de contrato – enquanto algo que faz, principalmente. O difícil acesso a tais cenas privadas deve ser um dos motivos pela antropologia carecer de material etnográfico acerca do fetichismo. Ainda mais, grande parte deste material está inserido em discussões acerca de gênero e sexualidade, com apenas uma parcela destes tratando dos aspectos práticos e performáticos do fetichismo. O tema, entretanto, vem ganhando muitas discussões no Brasil. Apontando alguns trabalhos, Díaz-Benitez há anos propõe discussões acerca do que é denominado “dissidência” (2009) ao pensar nas práticas que operam nas fronteiras da normatividade. O trabalho de Filomena Gregori contempla diversos pontos que são interessantes aos contratos, e seu livro *Prazeres Perigosos* (2016) conduzirá diversos diálogos nesta monografia. Mas ambos trabalhos contemplam muito pouco as implicações dos contratos, ainda que estes apareçam em algumas discussões. Os trabalhos de Bruno Zilli (2008 e 2018) acerca do consentimento, contribuíram também para pensar na dimensão do consentimento que percebi dentre as implicações dos contratos. A grande maioria de trabalhos sobre fetichismo na antropologia, volta-se mais a aspectos práticos e referentes ao contexto fetichista, como as roupas, os objetos etc. A etnografia de Weiss (2011) contempla diversos destes aspectos práticos que o universo fetichista compartilha; há ainda trabalhos que se detêm em aspectos teóricos interdisciplinares, como por exemplo, relação de dominação e subalternidade (KULLICK, 2006). Tenho com objetivo, então, colocar os

contratos eróticos dentro destas discussões, como algo a ser considerado ao pensarmos no fetichismo enquanto prática.

Além disso, pensando em uma performance da escrita, tentei apresentar meu objeto “aos poucos”, apresentando elemento por elemento, até que o leitor tenha por fim uma visão deste. Foi a forma que encontrei em mostrar algo cuja forma não é estática. A proposta tem como mote, que cada aspecto performativo ou não do contrato, seja analisado separadamente, não apenas instigando o leitor, mas mostrando-o a elementaridade que os contratos possuem no BDSM.

Dividi a monografia em dois capítulos. O primeiro capítulo é de ordem mais metodológica. O leitor irá se deparar com o campo que pesquisei, assim como os sujeitos que o compõem e a forma como eles irão aparecer nesta monografia. Meu foco foi nas conversas com meus interlocutores, um dos grupos fetichistas que conheci, e nas cenas que pude presenciar. Embora meu trabalho contemple brevemente um campo virtual – que fiz uso principalmente para observar as discussões entre os praticantes –, não o afasto do meu campo propriamente dito, em uma distinção entre real e virtual. Pensei no virtual como outro espaço, onde outros tipos de relações ocorrem – e quanto a estas relações, tendo ciência que não se tratam de algo que ocorre somente na virtualidade, ou seja, somente na internet.

O segundo capítulo, mais robusto, aborda as duas dimensões na qual separei o contrato, a do consentimento, que é onde o contrato aparece como um modo de legitimação destes outros modos de fazer sexual; e a dimensão performativa. Neste capítulo, irei tratar sobre o que os contratos fazem e o que os contratos são. Para apresentar seu potencial em produzir contexto e rearranjar as relações, irei tratar da potencialidade dos

contratos em suspenderem papéis sociais e produzirem identidades performáticas para os praticantes. Tratarei brevemente sobre o conhecimento corporificado, dialogando com teóricos da cognição. Após descrever um momento etnográfico divisor de águas, falarei das formas dos contratos para enfim chegar a seu último aspecto: seu potencial em ressignificar.

1. O CONTRATO ETNOGRÁFICO: VOYEURISMO OU OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE?

“Desire followed the glance, pleasure followed desire”

(Leopold von Sacher-Masoch, A Pele de Vênus)

Cabe aqui, antes de adentrar o campo propriamente dito, em um trabalho tão permeado pela palavra ‘contrato’, discorrer como foi o meu contrato com meus interlocutores – e com o campo e práticas. Devo aqui descrever as metodologias usadas e como me foi possível entrar, observar e relatar estes aspectos que fazem parte da vida privada de meus interlocutores. Também pretendo mostrar como diversos aspectos do universo fetichista compartilham de uma mesma proposta de produzir uma diferença a uma pretensa normatividade das práticas sexuais e dos modelos eróticos. Com isso, não tenho pretensão alguma de produzir um capítulo prescritivo, apresentando algum modo de fazer etnográfico correto, mas produzir um capítulo descritivo também, mostrando ao leitor como se deu minha relação com o campo e com os dados, como estes interlocutores aparecem nesta pesquisa e consequentemente, fazendo o trabalho de delimitar este campo e sua composição.

Primeiramente, meu campo se deu majoritariamente com um grupo de praticantes residentes em Florianópolis. Hoje, são cerca de 10 pessoas que compõem esse grupo. Em sua maioria estão na faixa de idade de 25 a 40 anos e são de classe média; quase todos possuem formação acadêmica e pós-graduação em áreas diversas. Acredito que este último ponto foi essencial para a minha recepção em campo, onde a maioria de

meus interlocutores já estavam acostumados com pesquisas – ainda que fosse novidade para eles estarem do “outro lado” da pesquisa. Alguns interlocutores até mesmo conheciam parte da bibliografia – e alguns faziam recomendações também – que me acompanhou durante o trabalho. Essa dimensão de pessoas inclusas no meio acadêmico me apresentou um novo tipo de interlocução e novos desafios, onde as respostas muitas vezes vinham seguidas de referências de autores – que muitas vezes viviam em um lugar comum entre a antropologia, a arte e a performance -, e não há como separar na fala do interlocutor o que é vivência e o que é fruto de uma reflexão teórica dos mesmos. Muitos destes estão em relacionamentos e a maioria destes são poligâmicos, ou seja, possuem relacionamentos com mais de uma pessoa. Mais da metade do grupo são mulheres que se denominam bi e pansexuais⁹. Vale constar já que este grupo não se reúne apenas para atividades fetichistas e cenas, mas dividem muitos espaços em suas vidas *baunilhas*. Tanto é que, após o começo de minha pesquisa com este grupo, muito de nossos encontros foram em bares onde eles podiam confraternizar e, tanto assuntos *baunilhas* quanto assuntos fetichistas se mesclavam e trocavam o foco das conversas. Meus principais interlocutores foram um casal de praticantes *Althea*¹⁰ (bissexual, *switcher*, praticante há anos, mas no grupo desde 2015) e *Noctis* (heterossexual, *primal*¹¹, praticante no grupo desde 2015), *Lunitari* (bissexual, masoquista, praticante desde 2015), *Lua*, *C* e *Arturo Lobo* (heterossexual, *switcher*, praticante desde 2011). Este último sendo

⁹ Indivíduos que são atraídos por todos os gêneros e orientações sexuais.

¹⁰ São pseudônimos. Irei discorrer sobre mais adiante neste capítulo.

¹¹ Que pratica *primalplay*, que são cenas conduzidas a partir de impulsos naturais, encenando identidades animais e “primitivas”.

o único que não faz parte do mesmo grupo em Florianópolis. Vive em Venâncio Aires-RS e pratica pela região metropolitana de Porto Alegre.

Todo material de campo da pesquisa foi coletado nos anos de 2018 e 2019. Este material está dividido entre observações (e participação em) de algumas cenas e conversas com praticantes, realizadas de diversas formas. Entre as cenas presenciadas, incluo, observações de festas com temáticas fetichistas – infelizmente nesse tempo da pesquisa, só pude ir em duas festas e estas se diferenciavam bastante do que seriam as festas ‘ideais’ para meus interlocutores. Algumas das conversas tomaram a forma de entrevistas – se bem que em quase nenhum momento fiz uso de gravadores, pois percebo que o dispositivo acabava por interceptar muito as conversas, o que quase não ocorreu com o caderno de campo. Outras consistiam em conversas com praticantes de outros lugares a partir da rede social fetichista *fetlife*¹² – utilizada por quase todos meus interlocutores da Ilha de Santa Catarina.

Esta rede social – e não um site de encontros, como busca enfatizar -, descreve a si mesmo “como Facebook, mas criada por pervertidos como você e eu” logo em sua tela inicial. Utilizei-a principalmente para buscar informações e entender alguns termos e fetiches que surgiram nas falas de meus interlocutores. Assim como todo curioso, o mais comum é que este se informe em manuais disponíveis em sites com o *fetlife*. São a forma de disseminar informação sobre o

¹² Criado em 2008 pelo usuário John Baku com o propósito de unir pessoas com os mesmos interesses sexuais. Hoje tem a missão de “Ajudar pessoas a se sentirem confortáveis com elas mesmas sexualmente, conectando e educando fetichistas em um ambiente seguro, diverso e solidário” (minha tradução).

fetichismo mais conhecidas e usadas¹³. Como qualquer outra rede social, existem os perfis – embora o principal diferencial aqui esteja justamente na produção de um perfil *kinkster*, ou seja, fetichista –, os chats e os grupos. Foram nestes grupos que pude compreender melhor muitos dos termos e fetiches, além de me deparar com diversas narrativas das cenas e como se davam as buscas por parceiros pelos praticantes nestes meios.

O grupo em específico com o qual fiz minha pesquisa já tinha a mesma composição atual há cerca de 5 anos. Alguns membros integraram-se há poucos meses, outros membros acabaram se dividindo para outros grupos, devido a questões de afinidades - já que muitos dos relacionamentos fetichistas acabam indo além do fetichismo -, rusgas e diferenças de interesses. Alguns membros também acabam mudando de cidade e, nestes casos, percebo como vão se criando redes de relações entre praticantes espalhados geograficamente. Estas redes são interessantes aos praticantes, como foi-me relatado, por proporcionar a eles a possibilidade de encontros, um tipo de turismo fetichista, onde praticantes podem conhecer a cena de outros lugares do país – e até do mundo.

Em certos momentos, brinquei ao fazer a pergunta que dá título ao capítulo: *Voyeurismo* ou observação participante? *Voyeur* é aquele que pratica o *voyeurismo*, ou seja, o fetiche que implica obter prazer a partir da observação de pessoas obtendo prazer. Normalmente essa prática é atribuída a categoria das práticas passivas, mas certamente a passividade do *voyeur* – e certamente a de outras destas práticas ditas passivas – pode

¹³ Para ver mais sobre manuais BDSM, recomendo a leitura do artigo *BDSM de A a Z: a despatologização através do consentimento nos “manuais” da internet*. (2009).

ser questionada, assim como a passividade do observador. O prazer em observar, em geral, está relacionado com o prazer de ser visto¹⁴. Isso implica que a aqueles que estão propriamente praticando e fazendo a cena estão agindo em resposta a esta presença. Assim como o *voyeur*, a presença de um observador nas cenas – ainda que seu objetivo seja analisar e não obter prazer pela observação – produz outros tipos de relações; os praticantes ao se verem observados, performam muitas vezes para este observador privilegiado. As práticas acabam adquirindo um caráter mais demonstrativo e a estética que normalmente seria produzida apenas para aqueles que estão ali encenando, abarca também este olhar outro ali presente. Questiono se esta presença do antropólogo, como um observador, não pode até algum ponto ser passível de fetichização, principalmente em relação ao exibicionismo. O que percebo é que há “ação” no olhar e a produção de um novo tipo de relação que, em níveis diferentes, muda o campo, os atores e as práticas. É certo que o contrato que tenho com meus interlocutores – e com o campo – são diferentes dos contratos que são objeto desta monografia, mas estes contratos eróticos fetichistas envolvem meu contrato na medida em que eu mesmo fiquei envolvido com a ordem simbólica fetichista que os contratos implicam. É a justaposição entre o *voyeurismo* e a observação participante, em que através de uma imersão no campo, o pesquisador pode perceber esta expansão dos limites eróticos.

2.1. Uma Antropologia do Segredo

¹⁴ O *dogging*, por exemplo, consiste no ato de buscar lugares públicos para praticar sexo, preferencialmente com outras pessoas observando. Apesar disso, o termo deriva do ato de observar pessoas praticando sexo, referenciando cachorro (*dog*).

Em entrevista com Lunitari, uma de minhas interlocutoras, ao falar do que diferencia a proposta fetichista da normatividade, pontuou que também um dos aspectos atrativos do fetichismo é que ao se reunir entre os praticantes, ao fazer uma cena, sente-se parte de um “clube secreto”, de “algo proibido”. Tratando-se de aspectos que estão imediatamente ligados a vida privada dos indivíduos, é esperado que obter acesso a esse campo seja algo difícil e muitas vezes impossível. É certo que nos ambientes de festas fetichistas seja mais fácil para o pesquisador observar as práticas e estas relações – muitas dessas festas são abertas ao público, bastando que estejam interessados a pagar pela entrada; o que apresenta uma série de justaposições entre as relações entre vida *baunilha*/vida fetichista e vida pública/vida privada, entretanto, quanto a esta dicotomia, é necessária uma análise mais profunda de suas implicações empíricas e se de fato trata-se de uma rigorosa oposição, ou se aspectos desses dois universos “contaminam” um ao outro.

O que já posso considerar como um possível desdobramento desta questão é que praticamente tudo no fetichismo implica a produção de uma diferença; a produção de um contexto que contraste com uma normatividade – certamente essa normatividade é passível de ser problematizada também, mas em uma pesquisa futura. Isso tem a ver com o que muitos filósofos – principalmente aqueles que acompanharam a literatura de Bataille – discorrem a respeito do erótico enquanto diferença – uma noção que certamente atrai a atenção de um antropólogo. Em *A Agonia de Eros* (2017), por exemplo, o filósofo Byung-Chul Han aponta

que, para produzir o erótico, deve-se criar uma alteridade, pois o erotismo está na alteridade¹⁵.

Logo, faz sentido pensar numa fetichização do segredo, em que determinados indivíduos compartilham determinados códigos entre si; ainda que não compartilhem dos mesmos desejos, há uma socialidade formada pela noção de que estes indivíduos têm desejos que ao menos podem ser exprimidos entre si, como aponta Simmel (2009, pp. 220) “as relações convencionais são determinadas no seu desenvolvimento só através daquele conhecimento recíproco ou unilateral que se desenvolve com referência ao parceiro”. Esse conhecimento em comum gera essa nova socialidade, que é bem-vinda ao conseqüentemente produzir diferença. São certas qualidades específicas reconhecidas pelos indivíduos que produzem o diferencial das relações. É certo que este diferencial – o rompimento com uma normatividade através do fetichismo – não é o único determinante para produzir essas socializações, esta série de “contaminações” da vida *baunilha* e da vida fetichista são também determinantes. São dois tipos de afinidades que estão em jogo: as do cotidiano e as fetichistas. Esta ideia de “grupo secreto” surge muito, por exemplo, por conta destas justaposições entre o privado e o público; o fetichista e o *baunilha*. Uma vez no cotidiano, esse conhecimento recíproco entre os praticantes produz essa socialidade, mas o conhecimento recíproco não é o único determinante aqui. Uma série de códigos, termos e palavras compõem uma linguagem compartilhada – falarei mais sobre essa linguagem compartilhada adiante - entre os

¹⁵ Han ainda diz que o Eros é o outro que não pode ser abarcado pelo regime do “eu”, que pode então ser experienciado enquanto alteridade. Não como reflexo de si. O erótico, então, está em antes permitir que esta diferença exista, aceita-la e coloca-la em enfoque.

praticantes, permitindo novas disposições do que eu chamei de “contaminações”.

Quanto as práticas privadas, ou seja, que não são apresentadas em festas e ao público, estas são, de fato, determinadamente mais difíceis de serem acessadas. Estes grupos muitas vezes são chamados de famílias, mas é importante aqui deixar claro que não existe um modelo padrão de grupos fetichistas; o grupo com o qual pesquisei compartilha de uma miríade de elementos e expressões do universo fetichista, entretanto, é elementar deixar claro que ele apresenta suas particularidades e seus dissensos internos. Alguns destes praticantes consideram o grupo tal qual uma família fetichista, mas outros preferem que seja chamado apenas de grupo. O motivo é que normalmente a definição de família fetichista é a de uma série de relações de papéis que, em geral, possuem alguns graus de hierarquia. O mais comum, por exemplo, são famílias que possuam no grau mais alto uma Rainha, seguida por uma série de *doms* e *dommes*, *masters* e *mistresses*, seguidos por sua vez por outros papéis, até os mais baixos, em geral, *slaves*¹⁶. O grupo pesquisado não era composto por uma hierarquia fetichista deste tipo. Há certamente os membros mais antigos do grupo; estes acabam sendo os centros destas relações, principais responsáveis por trazerem pessoas novas para o fetichismo.

Althea é uma das primeiras membras deste grupo e foi também ela a responsável por me introduzir a todos os demais. Após conhecer a maior parte do grupo, ainda em 2018, felizmente todos foram muito

¹⁶ Respectivamente, dominador e dominadora, mestre e senhora e, por fim, escravo. Todos são papéis fetichistas. Os 4 primeiros são papéis de dominação, sendo: dominador e dominadora papéis que, como o nome sugere, dominam os submissos; mestre e senhora são as denominações dadas aos sádicos e masoquistas *top* (ativos). *Slaves* são aqueles que são escravos de seus mestres/as.

abertos quanto a participar da pesquisa. Começamos no geral com conversas, geralmente os encontros ocorriam em bares no centro de Florianópolis ou pelo bairro Trindade, próximo às universidades – e das casas de boa parte dos praticantes. É comum que depois dos bares, parte dos praticantes se reúnam na casa de algum deles para ou fazerem uma cena elaborada – o que é mais incomum porque demanda mais planejamento – ou práticas variadas. Durante minha pesquisa de campo para este trabalho, a maior parte do que vi se incluía nesta segunda categoria. Após alguns meses conversando com Althea, pessoalmente e *on-line*, fui convidado para uma festa fetichista onde conheci a maior parte do grupo. Depois deste evento, fui convidado também para suas confraternizações em bares e, eventualmente, fui convidado para acompanhá-los após o bar.

Na medida em que conversávamos, eu dizia a eles também o que eu fazia e, principalmente, como fazia. O principal ponto destes esclarecimentos era como estes interlocutores apareceriam em minha pesquisa. Tratarei exatamente disso no próximo tópico.

2.2. A Senhora e o ordinário

Quando Althea me orientou a criar um perfil no *fetlife* para conhecer mais sobre o universo e seus praticantes – principalmente em outras localidades – perguntei a ela se estava tudo bem em colocar meu nome como usuário. Ela respondeu que o mais comum eram os praticantes – ou *kinksters* – fazerem uso de um pseudônimo. Primeiramente que os pseudônimos – ou *nicknames* – eram utilizados apenas no cenário virtual. Logo percebi que estes outros nomes compunham um papel importante neste universo. Não

se trata apenas de manter a privacidade, aspecto mais evidente que um pseudônimo poderia evocar.

O uso de pseudônimo – ampliando até sua composição, principalmente – faz parte de uma proposta fetichista em produzir esta *outra* estética, em que os praticantes podem assumir papéis e posições diferentes. Assim como em *A Pele de Vênus* (SACHER-MASOCH, 1870), a personagem Wanda ao fazer um contrato de dominação masoquista com Severin, tem como sua parte do contrato estar sempre vestida de peles em sua presença. Uma vestimenta é evidentemente diferente de um nome, mas ambos compartilham um potencial simbólico de criar uma diferença. Assim como vestir uma pele, em um contexto fetichista, coloca o indivíduo em uma determinada posição de poder, os nomes também o podem fazer. Alguém, por exemplo, que tenha em seu pseudônimo a palavra – e designação – ‘Senhora’ ou ‘Senhor’, o faz porque está em uma determinada posição de poder também. O pseudônimo não só é mais uma expressão nesta composição de uma nova identidade, mas muitas vezes surge para acionar determinadas categorias de papéis. Usualmente os submissos e escravos adotam nomes com todas as letras em minúscula; aqueles que são encoleirados – ainda que a expressão seja mais usada para praticantes de *pet play*, ou seja, quando os praticantes performam assumindo o papel de animais, é uma expressão comumente usada para aqueles que estão em uma relação BDSM e “pertencem” a alguém – podem adotar alguma letra que invoque sua parte dominadora/mestra.

O mais comum é brincar com os arquétipos eróticos ao compor este pseudônimo. Os exemplos anteriores cabem aqui, como o dia em que Althea me mostrou um sujeito chamado Senhor Sensual. Os arquétipos

eróticos são muitos, inspirados em literatura libertina, visual gótico, feras e presas – o lobo, por exemplo, aparece muito como inspiração -, estrelas e figuras mitológicas, etc. Lunitari relacionou essa composição de um pseudônimo com um jogo de *rpg*, ou seja, um jogo de assumir papéis e construir narrativas. *Role Play* se traduz como representar um personagem, ou seja, uma encenação. As cenas são chamadas também de *plays*. Adoto o uso de cenas aqui principalmente por se tratar de uma palavra em português, ainda que ambas palavras sejam passíveis de ambiguidades.¹⁷

As semelhanças são muitas com um jogo de *rpg*. Do pseudônimo que produz um personagem até as diversas possibilidades de narrativas que as cenas permitem. Há praticantes que gostam de representar animais como gatos, cachorros, pôneis – praticas chamadas de *petplay*¹⁸ e representar idades diferentes – *ageplay*. Estes dois são os mais comuns, mas não os únicos. De fato, um glossário com todas as possibilidades possíveis de *plays* – para não falar dos fetiches específicos também – teria de dispor de dezenas de páginas. Isso porque os praticantes estão, em geral, aptos a experimentar e descobrir novas possibilidades. O experimentalismo é o que, na maioria das vezes, traz os praticantes ao BDSM e também é muitas vezes o leme que segue conduzindo suas experiências. Não quero, entretanto, afirmar que o BDSM se trate de um

¹⁷ Tanto cena quanto *play* possuem aqui o mesmo significado e são igualmente usados por meus interlocutores. A palavra sessão também é atribuída a praticas fetichistas combinada, mas em geral, são mais usadas para descrever serviços pagos de fetichismo como, por exemplo, o serviço de *prodommes*, dominadoras profissionais, que tem como trabalho dominar – incluindo principalmente sadismo.

¹⁸ Sendo a tradução de *Roles*, papéis, aqui o *pet* (animal de estimação, mascote) é o papel a ser encenado na cena (ou *play*).

role play sex, porque o sexo não é de faz de conta. O objetivo no fim, que se dá conseqüentemente no corpo, é o prazer, e este prazer é real. Porque a dor do chicote também é real.

Este real no fetichismo está em imediata relação com o contexto e com a potencialidade de encenação dos praticantes na cena produzirem subjetividades e serem capazes de articularem estas com seus corpos. Não se trata simplesmente de receber dor e/ou humilhação e automaticamente traduzi-los em prazer. O bater e o apanhar só se dão efetivamente no BDSM quando colocados em um contexto, sob um contrato. É uma “agressão controlada” na qual implicitamente a agencia daquele que recebe – a parte submissa, no caso - está implicada. Em uma das piores cenas que *Lunitari* participou, por exemplo, ela disse que o seu parceiro havia a recebido apenas de bermudas e chinelos, enquanto ela estava toda produzida. Enquanto descrevia a péssima experiência, percebi que o principal ponto não era o fato de o sujeito estar vestindo apenas bermuda e chinelo, mas que não havia uma produção sequer para aquela cena, uma produção de um contexto erótico, não haviam marcadores que pudessem retirar aqueles sujeitos de uma normalidade atribuída àquela situação. Não há uma sequencialidade erótica que parta das bermudas e dos chinelos e chegue nos tapas. Não há uma ruptura com o cotidiano para produzir este necessário contexto. O fetichismo não está, então, em introduzir simplesmente elementos transgressores no ato sexual, mas produzir um contexto em que estes elementos componham uma narrativa e partilhem de uma mesma lógica prática. Os pseudônimos partilham deste objetivo em compor este contexto, mediante uma identidade *outra*, uma identidade fetichista.

No mais, nesta pesquisa, usarei os pseudônimos usados pelos meus interlocutores para identificarem-se. Quando for o caso deste pseudônimo ser usado também em redes não fetichistas, optei por manter apenas uma inicial deste pseudônimo – ou do nome quando o interlocutor/praticante não dispunha de um pseudônimo

2.3 A Linguagem Compartilhada

Quando fui me introduzindo no campo, tanto na fala de meus interlocutores quanto na bibliografia lida, deparei-me com o uso de diversas palavras que não estavam em meu vocabulário e, em sua maioria, tratavam-se de palavras em inglês. No geral, estas palavras foram dadas aos fetiches e práticas específicas e pensei até em empreender a produção de um glossário para que o leitor possa ter de forma organizada a sua disposição e para sua consulta cada um destes termos. Dá-se que, como falei antes, na dimensão das práticas fetichistas, darei foco aos contratos e não as cenas como um todo nesta pesquisa. Por conta disso, ao invés de debruçar-me sobre a produção de um glossário, optei por ir descrevendo e traduzindo estes termos na medida em que forem aparecendo no trabalho. Como irei focar em relações de dominação e submissão, masoquismo e sadismo para analisar os contratos, não será tão numerosa a presença destes termos relacionados a outros tipos de práticas, mais ou menos específicas. Com isso acredito que haverá um menor afastamento entre o leitor e o trabalho sendo lido.

Na medida em que fui aprendendo o significado dos termos e suas lógicas (como, por exemplo, a lógica por traz das práticas que possuem *play* em seus nomes, citadas na página 25) percebi o que Margot

Weiss apontou em sua etnografia a respeito do BDSM contemporâneo quando a autora diz que “a comunidade [fetichista] reconhece a si mesma – suas práticas, seus desejos – através de uma compartilhada, ainda que contestada, linguagem”¹⁹ (2011, pp. VII). Na medida em que fui usando a rede social *fetlife* e conhecendo mais sobre os termos e práticas, percebi que estes mesmos termos poderiam ser usados para conversar com pessoas de vários lugares do mundo sobre BDSM. Não quero aqui deixar ao leitor a impressão de que o BDSM seja o mesmo em todo o mundo, pois as dinâmicas de relações não são as mesmas e isso é, sem dúvida, determinante. Posso aqui ilustrar com um exemplo: eu estava passando pelos diversos grupos que haviam no *fetlife* quando me deparei com uma postagem em um grupo sobre dominação titulada “não existe dominação feminina no Japão”. Fiquei curioso com a afirmação porque parecia contradizer algumas buscas constantes que haviam neste mesmo grupo – como por exemplo a busca por ser dominado por mulheres japonesas. Entrei na postagem para conversar com a autora e quando questionei a respeito de uma possível contradição, ela foi enfática em responder que não havia *femdom* no Japão porque lá a dominação é feminina por excelência. Seja a fala da autora um exagero ou não, serve para pensar nos diferentes nuances que devem ser considerados e, apesar dos diversos símbolos e termos – e possivelmente a linguagem – compartilhada, as lógicas culturais acerca do corpo, da sexualidade e do gênero estão em constante justaposição com estas práticas fetichistas, seja de maneira transgressora, seja reproduzindo estas lógicas.

¹⁹ Minha tradução.

Boa parte destes termos, como o leitor já deve ter notado, são palavras em inglês. Acredito que a isto está atribuído tanto a difusão do idioma quanto a popularização do BDSM em subculturas dos EUA. Estas palavras, em geral, gozam de uma função muito mais descritiva do que estética se formos atrás de suas definições. Todavia, fazem parte da produção deste contexto outro erótico, seja por seus usos específicos – já atribuídos a fetiches -, seja pela natureza de seus significados. Também podemos pensar em uma fetichização desta que para nós é uma língua outra, dado que seu uso está para além de sua compreensão.

A literatura erótica sempre foi uma fonte de inspiração ao BDSM também; certos autores deram nomes a práticas fetichistas, como é o caso de Sacher-Masoch e Marquês de Sade que, respectivamente, deram origem aos termos masoquismo e sadismo, antes definidos como perversões sexuais, agora são dois dos subgrupos mais populares do BDSM. Há uma série de práticas específicas que estão relacionadas a estes dois subgrupos, muitas vezes chamado de sadomasoquismo. Entretanto, não farei uso deste termo. Deleuze em sua instigante obra *O Frio e o Cruel*²⁰(2009), critica esta atribuída complementariedade do masoquismo ao sadismo, criticando a noção de que um é a contraparte do outro, quando são imediatamente opostos em sua proposta de prazer. De certa forma isso me foi constatado em campo também, como me explicou Althea, a contraparte de um masoquista também é outro masoquista, podendo os dois serem diferenciados entre um ativo (aquele que bate, por exemplo) e um passivo (aquele que apanha). Isso porque o prazer do sádico em infligir dor é incompatível ao explícito prazer de um

²⁰ Uma obra que certamente seria um dos clássicos de Deleuze, não fosse a especificidade do tema.

masoquista ao recebe-la. Como discorre Deleuze, enquanto o sádico joga pelos limites do consentimento, o masoquista age formando sua parte ativa, ele que a “forma” e a “traveste”, investindo-a de “dominância”.

Durante este trabalho, como fiz até aqui, sempre que possível irei apresentar ao leitor estas referências, assim como a tradução e o significado dos termos que aqui forem apresentados. Tentei aqui elaborar um esboço acerca desta linguagem compartilhada, notada tanto por mim quanto por outros autores que pesquisam o BDSM. Certamente sua difusão seria um bom ponto de partida para uma pesquisa e poderia revelar muito deste universo e seus símbolos.

2. O TATO E O CONTRATO

“Sexual pleasure is, I agree, a passion to which all others are subordinate but in which they all unite.”

(Marquês de Sade, Os 120 dias de Sodoma)

Pretendo aqui neste capítulo discorrer acerca dos contratos de ordem sexual que operam nas práticas fetichistas. É importante que o leitor compreenda que estes contratos não surgem – na maioria das vezes – como um contrato formal, em papel, para suas partes assinarem e se comprometerem, embora isso não seja de todo absurdo entre os praticantes. O filme *50 tons de cinza* apresenta uma situação assim, onde um contrato físico é produzido entre os praticantes; Lunitari, em uma de suas primeiras experiências BDSM, fez algo parecido com seu parceiro também: a produção de uma lista de práticas que seriam escolhidas para compor uma cena. Neste capítulo, entretanto, devo mostrar que os contratos surgem de formas variadas. Não apenas delimitá-lo, pretendo mostrar como estes operam e “se escondem” durante as cenas; suas potencialidades nas relações; assim como os argumentos para sua precedência.

É importante também reiterar – como parte do trabalho de delimitar o que são de fato estes contratos – que, embora eu empregue a palavra precedência, emprego-a ao dizer que, em geral, o que vem antes de tudo é o contrato, mas este não deve ser considerado como uma categoria diferente de relação perante a prática fetichista como um todo. No caso, não faço distinção entre prática e contrato, com um sendo da ordem do corpo e da técnica e o outro da simbólica e prescritiva, apenas. Parece-me apressado demais dizer que, da forma como os contratos operam nas cenas, há de fato esta separação. Faço distinção apenas entre

contrato e cena como recurso analítico, mas compreendo como parte do que é chamado prática fetichista os contratos também. Isso porque, no fim, o que está em contrato vai se dar no corpo. Para entender – e definir – também este corpo, trago aqui uma bela definição de Zumthor (2018) que penso encaixar bem:

Meu corpo é a materialização daquilo que me é próprio, realidade vivida e que determina minha relação com o mundo. Dotado de uma significação incomparável, ele existe à imagem de meu ser: é ele que eu vivo, possuo e sou, para o melhor e para o pior. Conjunto de tecidos e de órgãos, suporte da vida psíquica, sofrendo também as pressões do social, do institucional, do jurídico, os quais, sem dúvida, pervertem nele seu impulso primeiro. (Zumthor, Paul. 2018, p. 23).

De certa forma, o contrato implica a experiência do corpo em jogo.

Neste trabalho, em diversos momentos chamei à atenção do leitor à produção de um contexto, uma quebra com uma pretensa normatividade. É nos contratos que a “substância” deste contexto é definida, mas isso se trata da dimensão performativa do contrato e será desenvolvido adiante. Chamo a atenção do leitor também para uma outra dimensão: a dimensão da agência, que também é a dimensão do consentimento²¹. A chave para despatologização e legitimação de certas práticas fetichistas (em especial o masoquismo e o sadismo, embora

²¹ Para ver mais sobre consentimento nas práticas BDSM, principalmente com relação ao sadomasoquismo – ainda que como expliquei antes, concordo em questionar este termo –, recomendo a leitura do livro editado a partir da dissertação de mestrado de Bruno Zilli, *A Perversão Domesticada: BDSM e Consentimento Sexual* (especialmente o capítulo 4).

nunca tenha sido estipulado um limite patológico para o que sobra: o fetichismo) é o consentimento. A terça parte do termo SSC²² (São, Seguro e Consensual) é também um limite da sexualidade fetichista, cabe apontar – assim como as duas outras partes também o são. É uma forma de afastar o fetichismo da pedofilia e da zoofilia – práticas que seguem definidas como perversões justamente por negligenciar essa dimensão do consentimento – e delimita o que é “sexualidade legítima” e o que é “sexualidade ilegítima” (ZILLI, Bruno. 2018). O consentimento “problematiza as práticas BDSM a partir de uma discussão sobre abuso e violência sexual e procura, assim, apaziguá-las e na medida em que ele legitima determinadas práticas (o que Zilli define como “domesticar a perversão” (2018, p. 17), entretanto, o termo “domesticar” ao mesmo tempo que remete a uma despatologização de determinadas práticas a partir do consentimento, procede as naturalizando, algo que é imediatamente oposto a proposta fetichista em dividir os espaços e justamente separar-se daquilo que é cotidiano), permite o afastamento daquilo que é horrendo – aos praticantes – e foge de seus limites.

Bruno Zilli ainda aponta que “o consentimento sexual é algo constantemente negociado, é situacional e relacional; e mesmo uma vez dado, pode ser revogado” (2018, p. 20). Aqui é um ponto onde o contrato e o consentimento mais uma vez se justapõem. O contrato não é um estatuto de longa duração; está sempre mudando porque os interesses dos praticantes estão sob o jugo da experimentação e da curiosidade, geralmente. A questão de afinidade com o parceiro e também que tipo de papel o parceiro irá assumir implica imediatamente em que tipo de fetiches serão colocados em cena. Os contratos, em geral, duram enquanto

²² Em inglês *safe, sane and consensual*.

prática, ou seja, até o final da cena. Ele pode também ser um contrato que implique uma relação mais longa, algo muito comum entre aqueles que possuem relações 24/7²³, que são relações que extrapolam os limites do cotidiano, onde os praticantes permanecem em seus papéis enquanto a relação durar e/ou o contrato “rescindir”²⁴. Esta invasão do cotidiano se dá na medida em que modelos sociais são trocadas por papéis fetichistas, como por exemplo, os praticantes não definem seus relacionamentos como namoro ou casamento, mas a partir da relação entre seus papéis. Isso implica que durante todo o tempo, os sujeitos estão dentro de um contexto erótico produzido – pelo contrato – e devem agir como tal. Embora estes estejam longe de ser a maioria, não é incomum encontrar praticantes adeptos ao 24/7 nos grupos BDSM. Apesar de muitos membros do grupo que pesquisei serem “praticantes assíduos”, nenhum deles tem relação 24/7, ao menos no tempo em que fiz esta pesquisa. Esse tipo de relação é, em muitos momentos, problematizado. Não pela natureza do 24/7 em si, mas por elementos análogos a ela. Discute-se muito acerca dos perigos que existem (Gregori, 2016, p. 168) da dependência que os submissos podem vir a criar de seus dominadores e os problemas que isso pode trazer²⁵ - é por isso que muitos praticantes

²³ O dia 24 de julho (24/7), inclusive, é reivindicado como o dia do fetichismo pela comunidade fetichista.

²⁴ No sentido de acabar mesmo. Até onde sei, não tive ciência de nenhuma forma ritualizada de se anular ou terminar um contrato.

²⁵ Quando o submisso mascara através do fetichismo problemas, por exemplo, a incapacidade de tomar decisões. Assim como Gregori (2016, p. 168) também percebi a preocupação de meus interlocutores com estes tipos de relações. Relataram-me, por exemplo, que um conhecido de meus interlocutores criava tanta dependência de seus dominadores, que o mesmo precisava receber ordens para cumprir coisas simples do cotidiano como, por exemplo, comer e ir trabalhar.

insistem na separação entre o que é fetichista e o que é cotidiano e que estes espaços estejam devidamente divididos.

Usualmente, os praticantes dividem os fetiches entre: aqueles que eles fazem, ou seja, os fetiches nos quais eles já estão inseridos; aqueles que eles têm curiosidade em praticar, aqueles que normalmente não fariam, mas poderiam abrir exceções; e, finalmente, aqueles que eles não fariam. Os papéis usualmente prescindem de um fetiche específico. Isso deixa aberto para os praticantes poderem formar um leque totalmente único de práticas em uma cena; todas elas acordadas, assim como qualquer tipo de fetiche situacional que possa acontecer. Também não é como se cada praticante tivesse seu contrato – mesmo que mentalmente – pronto. Ainda que este praticante tenha um papel fixo no BDSM (por exemplo: alguém que seja sempre um dominador), o que entra na cena depende da outra parte também. A parte submissa está sempre ativa por causa do contrato, que impõe os limites; o contrato é superior e qualquer ato está imediatamente subordinado a ele e é colocado em alguma categoria preestabelecida – em suma, o que pode e o que não pode fazer. Embora durante as cenas, parte do jogo seja brincar com os limites impostos pelo contrato, estes limites são sérios e parte da agência dos sujeitos desejantes e não devem ser transgredidos. Extrapolar estes limites é, conseqüentemente, fugir do que é consentido, tornando-o uma prática ilegítima e, embora eu não tenha tido contato com nenhuma denúncia de abusos que tenha chegado aos trâmites legais em meu campo, é recorrente a denúncia de membros da comunidade fetichista como pessoas não confiáveis – chamados também de abusadores, em muitos casos. O contrato acaba possuindo uma força moral entre aqueles que o praticam,

havendo consequências sociais – como é o caso de membros que são excluídos do grupo – para aqueles que o infringem.

É interessante enfatizar isso aqui, pois o leitor pode ser levado a pensar que os papéis passivos estão submetidos aos papéis ativos, estritamente. Isso não deixa de ser verdade – performaticamente é isso que está acontecendo sem dúvidas –, mas antes de estar submetido aos papéis dominantes, ambos estão submetidos ao contrato. Uma das idiossincrasias que o contrato produz nestes tipos de relações de dominação e submissão, é a de que em muitos casos, parece que são os dominadores que são os exigidos, como se estes estivessem, com efeito submetidos a dominar²⁶. Esta é uma reclamação bem recorrente entre os *masters/mistresses* e *doms/dommes*.

O momento para experimentação é no contrato. É onde se discute o que pode o que não pode. Você dificilmente irá propor alguma coisa diferente no momento em que todos estiverem envolvidos com determinada cena combinada. Isso porque o leitor deve já entender que dentro da cena, os praticantes já assumiram seus papéis e evitam ao máximo fugir deles. Quando meus interlocutores querem combinar alguma cena, é muito comum surgir a pergunta “vamos fazer uma *play*?” e ela vem seguida de “o que faremos?”. Esta segunda pergunta leva à produção desse contrato, que não só diz o que faremos, mas também como

²⁶ No filme *A Pele de Vênus* (2013), adaptação de Polanski da obra de Sacher-Masoch, faz-se uma crítica – mais voltada para o gênero – quanto a isso. Em que o papel dominante de Wanda é questionado ante as assimetrias de gênero que existem. Critica-se que Wanda (a mulher) está “submetida” a dominar e que só domina porque isso dá prazer a Severin (o homem) e o que ocorreria seria uma inversão apenas, em que se exige a produção de um corpo feminino que seja dominante, ao invés de submisso.

faremos durante a cena. O contrato também determina quem fará o que com quem, quando as cenas possuem mais de duas pessoas.

O que se percebe é que, apesar do ideal experimentalista e a proposta de “expandir as fronteiras eróticas” (Gregori, 2016), o contrato, sendo o determinante de atos, fetiches, papéis e espaços, acaba impondo um certo rigorismo à prática fetichista, não que isso seja de alguma forma negativo – dada a natureza de muitos fetiches, é algo extremamente lógico de se propor. Dá-se que o libertar-se da “normatividade” da proposta fetichista é um mergulho não só nas diferentes cenas eróticas, mas também em uma nova gama de restrições e condutas.

É no contrato, neste produto racional, que se produz também subjetividades, as imagens e as identidades. Tentei aqui apresentar a dimensão do consentimento que há no contrato, mas agora devo chamar a atenção do leitor para a dimensão performativa e suas implicações. Para isso, entretanto, discorrei alguns tópicos que precedem essa discussão.

3.1. A produção de papéis

Em geral, quando alguém novo começa a se interessar pelo fetichismo e acaba entrando no grupo, não se pergunta que papel ocupará nas cenas, mas quais são os fetiches que mais lhe interessam. Os papéis no BDSM não são dados, mas produzidos a partir das relações que ocorrerão durante as cenas e de quais fetiches e atos estarão envolvidos. Há um processo de “retroalimentação” destes papéis, onde os papéis são definidos por determinados fetiches e práticas, mas assumir um papel determina por sua vez certas posturas – assim como provavelmente condiciona a determinados atos e fetiches – que condizem com tal papel. Ouvi com

frequência entre meus interlocutores que, normalmente cada praticante define seu papel logo nas primeiras cenas, pois acaba sendo algo intuitivo ligar determinados fetiches à determinados papéis²⁷. É comum também que estes papéis sejam mudados na medida em que o praticante for obtendo mais experiência – principalmente experiência daquilo que ele mesmo gosta e quer. Certos papéis, como o *switcher*, permitem oscilar entre dominante e submisso, ativo e passivo. Entre o grupo que pesquisei, há uma vasta gama de papéis envolvidos durante as cenas. A cena mais recorrente que eles combinam são as *femdom teaparty*. Traduzindo literalmente, temos “chá de dominação feminina”. Nesta prática, o grupo geralmente se divide em duas partes, as mulheres que irão dominar e serão adoradas, e aqueles que serão submissos – homens e mulheres – e devem adorá-las e servi-las como desejarem. Esta é uma prática mais complexa, que exige que as duas partes interajam simultaneamente, contrapondo-se quando necessário. Outra cena comum são as cenas de *shibari*, uma técnica de suspensão japonesa que pode lembrar o *bondage*, mas se difere por contar com elementos estéticos a partir de nós mais elaborados e complexos arranjos que suspendem os movimentos de alguém. Esta cena é mais simples por demandar menos planejamento, mas necessita de alguém que tenha as técnicas necessárias para fazer os nós e arranjos.

Quis deixar claro ao leitor que não existe nenhum tipo de condição precedente para alguém assumir determinado papel entre os praticantes do meu campo. Geralmente assume-se o papel a partir de um interesse prático. O BDSM permite uma série de oscilações nos – e entre

²⁷ É importante deixar claro ao leitor que foi dessa forma que vi em campo como estes papéis surgiam e surgiram. A vasta bibliografia da psicanálise sobre fetichismo traz outras discussões a respeito dos papéis, envolvendo, por exemplo, a psiquê.

– os agentes, permitindo novos fluxos de relações eróticas. O que certamente contribui para o ideal de rompimento com a normatividade, já que com a amplitude de possibilidades de cenas, quebra-se a ideia de um padrão fetichista. Noutra viés, é perceptível que isso não anula a possibilidade de outras normatividades aparecerem, sendo que há o senso de que certos fetiches e atos tendem para algum papel ou cena específica, podendo assim produzir certas prescrições.

Essa ausência de algum precedente para a produção de uma identidade fetichista implica o contrato como um liminar, sendo algo que está em contato com a cena e com seus limites, ou seja, entre os sujeitos desejantes e suas identidades performativas. A questão da quebra com a normatividade e mais do que isso, com o cotidiano é sempre recorrente. Não importa quem você seja na vida *baunilha*, no seu trabalho, no seu trato social. Na cena você pode assumir o papel que você deseja. Parece-me que um dos objetivos dos contratos é suspender temporariamente os papéis sociais (Turner, 1974), inverte-los e combiná-los. No BDSM, enquanto se produzem os papéis, há uma recorrente intenção em corromper e debochar de certos arquétipos do cotidiano, como o patrão, a mulher que é chefe e a mulher que é subalterna. Esse deboche surge muito durante a quebra de certos determinismos, como os papéis de gênero. Por exemplo: a mulher que é submissa e o homem que é dominador. Inverter aqui significa trocar os lugares e é o que permite, como me disse Althea, que “alguém que seja um patrão na vida cotidiana, possa se transformar em um escravo durante uma cena”.

Pode-se evidentemente problematizar essa implicação – do escravo voluntário, ainda mais considerando que a palavra ‘escravo’ detém um significado histórico e radicalizado também. Neste caso, trata-

se de uma condição submissa que não só é consentida, mas desejada. Isso pode soar impossível para alguns, portanto não acho absurdo questionar esse tipo de posição. Pergunto-me, por exemplo, a partir de que imagem se cria o escravo fetichista? O escravo e a chibata são figuras constantes na simbologia e nas práticas fetichistas, mas também são figuras históricas da noção hegemônica de democracia racial em nosso país (Ferreira da Silva, 2006). Entretanto, não é o contexto de escravidão que é erotizado nestes papéis, mas suas condições enquanto indivíduos subalternizados por poderes que deverão ser produzidos, ou seja, a servidão fetichista não tem nada a ver com nenhum tipo de relação de escravidão legítima e suas implicações. O contrato é conveniente então ao propor uma suspensão dessas assimetrias, mas sua efetividade enquanto tal pode nitidamente ser questionada.

Até onde estes sujeitos sociais, que são também sujeitos desejantes, não carregam estes desejos que são produtos de suas socialidades para dentro da cena? Há uma parcela bem considerável de fetiches envolvendo erotização de etnicidade, havendo no *fetlife*, por exemplo, diversos grupos com o propósito de unir pessoas em relações interracialis e grupos que fetichizam traços étnicos. Seria precipitado pensar que tais desejos sejam simplesmente frutos do erótico que aparece na diferença e não de fruto de tradições (Freud, 1940) e elementos do social que constituem os sujeitos. O que me parece é que o contrato tem essa potencialidade de suspender os papéis sociais e produzir novos papéis para as cenas, mas isso não é algo obrigatório para o fetichismo enquanto prática.

Ainda que o contrato suspenda marcadores sociais, ele não os desconstrói. Eles existem ali, ainda que seja na “margem” do fetichismo,

por mais que os praticantes tentem afastá-los. Notei numa grande parte da comunidade BDSM com quem convivi, um grande número de pessoas que se propõem a politizar o fetichismo e problematizar a prática fetichista. Isso é fundamental para que os praticantes possam criar um diálogo com diversas críticas ao BDSM que surgiram e surgem em diferentes nichos políticos e sociais – e também é fundamental para produzir um debate entre a própria comunidade²⁸.

De toda forma, os contratos me parecem ter essa potencialidade em produzir novas identidades performáticas para os praticantes que farão parte em uma cena. Enquanto, por sua vez, os papéis fetichistas ficam suspenso na “fantasia”²⁹, na prática fetichista. Isso faz parte da dimensão performativa dos contratos. Nesse sentido, ao definir performance, Goffman diz que:

We have been using the term 'performance' to refer to all the activity of an individual which occurs during a period marked by his continuous presence before a particular set of observers and which has some influence on the

²⁸ Experienciei, por exemplo, um debate acerca do *crossdressing*, que é o fetiche em que homens sentem prazer em se vestirem com roupas femininas. O tema era a problemática sobre o caráter de humilhação que é atribuído à prática por estes homens praticantes. A crítica era, fundamentalmente, por que estes homens se sentiam humilhados por vestirem roupas femininas?

²⁹ O que é chamado de fantasia aqui, não deve ser considerado como oposto de realidade. Como Gregori (2016) e Butler (2004) discorrem, a fantasia projeta-se contestando os limites do que é e não é realidade.

observers³⁰. (GOFFMAN, 1956, p. 13).

No que tange à prática fetichista, o contrato não é um indivíduo influenciando alguém nas cenas, mas é produto dos indivíduos que estão nela. O contrato influencia os praticantes enquanto limite do fetichismo – não só dá os limites – porque o contrato permite esta descontinuidade com o cotidiano ao mesmo que tempo que permite uma continuidade do eu desejante, aquele que produziu o contrato e vinculou-se a outra relação, como parte de sua identidade performática na cena.

Dá-se que não se trata somente de produzir um papel, mas de executá-lo da melhor forma possível – ou melhor, da forma mais convincente possível. Quando Schechner (2006) apresenta as definições de performance, ao se referir a performance enquanto sexo, o autor diz que é o mesmo que realizar algo em um padrão; assim como obter êxito com aquilo. Imagino que êxito aqui, seja o mesmo que o gozo. O gozo então é o objetivo e encerramento do ato, do fazer sexo. Podemos dizer o mesmo das relações eróticas e sexuais no BDSM? Ao meu ver não, por dois motivos: o primeiro é que o gozo imediatamente aciona a presença de uma ‘genitalidade’. Da necessidade de um órgão sexual que nestas condições é o agente focado pelos indivíduos, seja focando no seu próprio, seja no do outro. Recordo-me muito bem de uma fala de um interlocutor heterossexual, Arturo Lobo, quando o perguntei se ele também sentia prazer em fazer sexo *baunilha*, normativo, ele prontamente

³⁰ “Estivemos fazendo uso do termo ‘performance’ para se referir a toda atividade de um indivíduo que ocorre durante uma ocasião sob a presença contínua de um grupo particular de observadores e que de alguma forma exerça influência sobre os mesmos”. (Minha tradução)

respondeu: “fazer sexo *baunilha* é bom também, é diferente, eu acho que tem que ter, mas é aquela coisa da penetração. Mas quando é no sexo fetichista, eu sinto que uso o corpo inteiro”. Não penso que exista a produção de um novo “eu” na quebra com a pretensa normatividade, mas que como aponta a fala de Lobo, há uma noção diferente de corpo enquanto elemento da prática fetichista. Se os corpos são “outros”, é porque os desejos são outros e assim, conseqüentemente, a recepção tem outra demanda e o prazer surge a partir de outros estímulos. O segundo motivo é que, implícitos à prática fetichista estão os papéis e atos específicos que possuem seus modos de fazer específicos. Tudo isso deve estar implicado no êxito da prática fetichista e não deve ser relacionado ao gozo, a um fim específico que não seja o processo de obter prazer. A chave da performance fetichista está no “ser/fazer”, ou melhor, no fazer prático e estético enquanto ser performático – e também estético.

Acredito que aplicado à noção de produção papéis pela performatividade dos contratos, está implicado todo um conhecimento corporificado na atuação destes papéis. Apesar das discussões acerca de conhecimento corporificado serem mais caras à teoria da cognição do que à performance, são elementos que pude analisar a partir dos dados de campo e tomarei um tempo para fazer ao menos uma introdução sobre o assunto, já que é um tema cuja discussão atrelada aos estudos do fetichismo não encontrei.

3.2. Conhecimento corporificado

A noção de que o conhecimento, assim como determinados comportamentos apreendidos, é redistribuído entre corpo e mente – ou no

pensamento – é amplamente difundida por teóricos da cognição. Antes, cabe problematizar os termos conjugados como ‘Conhecimento Corporificado’. Primeiramente começando com o mais simples destes termos: Conhecimento. Com conhecimento eu quero dizer tudo aquilo que o indivíduo aprende e sabe, neste caso, em relação a dominar e a se submeter; um processamento de determinados tipos de informação. Já corporificado é um termo que muitas vezes é trocado por incorporado. Ambos podem ser sinônimos, sim, mas o significado que ambos acionam, *a priori*, parecem-me distintos. Incorporado dá o sentido de algo externo que se manifesta no corpo, com uma alusão abstrata quanto à matéria original em si; enquanto corporificado aciona imediatamente a ideia de um processo mediado pelo corpo entre externo e interno. Uma manifestação objetiva e agenciada. Por isso, farei uso de corporificado ao invés de incorporado. Parte das discussões sobre corpo/corporalidade/corporificação é justamente distinguir entre mente, corpo e questionar esta distinção, e não me proponho a resolver tal questão, mas apresentar como essa distinção aparece por sua vez de forma distinta quando contextualizada nas práticas – e discursos - fetichistas.

Há um exemplo, que surgiu em algumas conversas no campo, o *subspace*. O *subspace*³¹ é uma condição em que sujeitos submissos entram em um estado de catatonia – ou algo parecido com isso, há várias controvérsias para explicar definitivamente do que se trata este “espaço” – onde eles se perdem na estrutura, por adentrarem demais nela. Embora seja uma condição muito desejada por muitos submissos, trata-se de algo

³¹ Fiquei sabendo desta condição a partir de conversas com interlocutores; algumas delas já afirmaram ter presenciado ou até mesmo manifestado tal condição. No *fetlife* acabei descobrindo mais, a partir dos relatos de indivíduos que estiveram neste “espaço”.

que pode ser perigoso: o submisso se vê incapaz de se comunicar com outro indivíduo por estar em um tipo de êxtase devido às práticas, uma certa entrega corporal à relação de dominação que está acontecendo ali – os problemas que isso pode resultar são a incapacidade de estipular os limites e de dizer a *safeword*, que é a palavra, código ou sinal previamente estabelecido para comunicar um limite físico (ou emocional). É utilizada para demarcar esse limite ou avisar que o(s) parceiro(s) cruzaram este e permitir que a cena não seja quebrada. A *safeword* é definida antes da cena começar e é comum que seja uma palavra com um significado particular para o grupo ou para os praticantes em cena.

O *subspace* pode ser um exemplo extremo, mas serve para pensar a produção desse corpo submisso. Essa produção ocorre a partir da resposta a certos estímulos e práticas, mas também à contraparte dominadora e ao ambiente – que é composto dos objetos, das roupas, da música, do cenário que é montado. Porque, embora alguém possa se identificar como submisso, o que está em jogo é ser submisso de alguém – e esse tipo de submissão muda conforme o parceiro porque, como foi dito antes, ainda que os papéis sejam a princípio os mesmos, as práticas não o são sempre. O(a) melhor submisso(a) não é aquele que mais aguenta dor, humilhações ou práticas extremas, mas aquele que consegue fazer seu corpo assumir o papel tão bem quanto aguentar tais práticas. Ele responde à dor e não a exige. A partir desta aprendizagem que tem seu fim no corpo – por demandar novas ações com relação aos estímulos – e na particularidade deste, surge a possibilidade de pensarmos a cognição desse processo como “enação”[*enaction*]; enação é performar, desempenhar [possivelmente um papel] e se trata de uma ação prescindida de intenção, uma ação corporificada que é o resultado dessa aprendizagem

(VARELA, THOMPSON, ROSCH, 1993 apud. DER WEID, 2015), dessa produção do corpo submisso e dominador dentro desses ambientes produzidos.

Com ambiente, é justo pensar também na ideia de um contexto simbólico, preparado para determinadas práticas. Estes contextos simbólicos aparecem de diversas formas, como dito antes, é elementar às práticas eróticas fetichistas a produção de uma alteridade – já que é nesta que se encontra o erótico – e para produzir esta alteridade deve-se produzir também um contexto que permita ao corpo se envolver e estar ali como em um lugar comum que compartilha de uma esfera daquilo que é incomum – e um lugar incomum propriamente dito, que contrasta com o cotidiano – porque a partir do momento em que se é definida uma ordem, define-se também aquilo que não está dentro dela; é a produção de argumentos estéticos do fetichismo. Um exemplo são os usos de vestimentas de couro (como máscaras e roupas), de látex; objetos como cordas, mordanças, vendas, algemas. Todos objetos que simbolicamente podem ser atribuídos à estética e ao mundo prático fetichista.

Outro ponto que devo salientar na produção destes corpos é a necessidade da contraparte. Ou seja, um corpo é submisso enquanto há um corpo dominante na cena para produzir esta relação de dominação e submissão. Isso também porque o corpo se torna submisso ao, evidentemente, ser submetido – aos atos precedentemente combinados e a uma postura “exigida”. Trata-se de um “intercambio consensual de poder” (Gregori, 2016, p. 149) entre as partes a partir do contrato que rege e faz a manutenção da relação – por isso o contrato deve estar sempre atualizado, para que a cena contemple as volições dos praticantes. Ao meu ver há uma lógica sequencial aqui, onde se suspendem as assimetrias

sociais – suspendem-se os papéis sociais – para a prática e assim se produz uma identidade performática – não um novo eu, mas uma nova relação com o corpo – e, por sua vez, esse corpo apreende a partir das novas assimetrias com sua contraparte.

Uma das maiores e mais longevas críticas ao BDSM – boa parte destas críticas provém de movimentos feministas que em sua maioria surgiram juntos com movimentos conservadores da *new-right* estadunidense (Rubin, 1984), que compartilhavam ideias moralizantes quanto a práticas fetichistas e ao BDSM em si – é que as relações de dominação e submissão podem servir para ocultar desigualdades de gênero e reproduzir tais assimetrias em um contexto que parece sadio, além de servir a um propósito heteronormativista de relações sexuais. Em *Pensando Sexo* (1984), Gayle Rubin traz diversos contrapontos a essas críticas a partir do relato de grupos LGBTQ+ fetichistas que justamente se propõem a derrubar a relação entre dominação e submissão com heteronormatividade e com as relações hegemônicas de gênero nos EUA, em 1980, recusando a inserção do fetichismo na subordinação patriarcal. Minhas interlocutoras que se identificam com uma posição passiva nas práticas, por exemplo, não se consideram sujeitos sociais submissos. Como me falou Lunitari: “No cotidiano tenho que ser forte. No BDSM não quero ter que planejar nada, controlar... Quero desligar e deixar que os outros decidam”. Mais do que simplesmente o contrato produzindo uma inversão, trata-se da erotização do eu com uma identidade performática submissa, a fantasia da potencialidade de seu corpo como tal e de suas implicações enquanto atos que ocorrerão na cena. Além disso, não é porque a proposta fetichista implica um ambiente aberto e tolerante que todo tipo de relação é bem-vista. Há uma preocupação para

que coisas como “fantasiar o machismo de couro e chamar de fetiche” não ocorram, como afirmou Lunitari.

Para entendermos os processos de aprendizagem em diferentes práticas, devemos apontar não somente para os conceitos técnicos que estão envolvidos, mas também para o contexto onde eles ocorrem, devemos apontar também para o ambiente e para as relações que permeiam certos tipos de práticas também. Isso serve para reiterar uma não hierarquização em relação à mente x corpo. A expansão das noções de aprendizagem; apresentando-nos como a junção de ambiente – e contextos –, relações, práticas, podem ser capazes de produzir uma nova percepção e diferentes formas de resposta do corpo. A aprendizagem é um processo de adquirir algo, mas usualmente ao adquirirmos algo, devemos também ceder – o que faz muito sentido aqui. Como Jean Lave comenta acerca da aprendizagem como elemento que se retroalimenta:

“[...] como o aprender-na-prática seja constituído por participantes em movimento através e lidando com, e por entre os contextos dos quais eles participam, contextos que funcionam para influenciar, cindir e conectar, ou ao contrário para moldar, [...]” (LAVE, 2015, pp. 42).

e ainda:

“[...] descentrar os estudos da aprendizagem na prática para perguntar como as práticas moldam e são elas mesmas moldadas nos múltiplos contextos da vida cotidiana, e como a participação muda na prática através dos contextos” (LAVE, 2015, pp. 43).

ou seja, certas práticas são moldadas a partir de certos corpos, mas os corpos se moldam às práticas também em um mútuo ajuste entre indivíduo, relações sociais e ambiente. Estes ambientes, como foi dito, são tanto o ambiente físico – que produz as condições físicas necessárias em um processo de estender a mente (BATESON, 1972), é com uma resposta para além da cognição, em uma produção de novas percepções – e o ambiente na forma de contexto que, neste caso, é a produção de um lugar erótico, da escolha do conjunto de práticas e da postura de uma contraparte que serve não só para nivelar a relação, mas para produzi-la também.

3.3 O Contrato Superado?

Algumas semanas após a festa [descrita no prelúdio], Althea convidou-me para um encontro do grupo em um bar na Trindade. Assim, eu poderia conhecer melhor o grupo, as pessoas que eu havia conhecido previamente na festa e também potencialmente aumentar meus interlocutores. Era um bar típico dos bairros universitários de

Florianópolis: música tocando, mesas de sinuca e uma variedade de drinks. A grande parte do público eram jovens e adultos estudantes das universidades.

Cheguei ao local perto das 21h, próximo da UFSC/Florianópolis e encontrei sentados, perto da entrada, parte do grupo que eu conheci na festa: Althea, Lua, Lunitari, C. e Noctis. Ficaríamos ali enquanto os outros (dos quais eu não conhecia ninguém) ainda não chegavam. Sentei com eles e a princípio fiquei apenas ouvindo a conversa. Logo, faziam questão de me entrosarem quanto aos seus assuntos – no mais estavam falando mais do cotidiano de suas vidas, de política, de seus trabalhos e de conhecidos em comum. O BDSM ia surgindo em certos momentos. Embora não fosse o assunto principal na hora, não era raro quando as conversas se dirigiam aos relacionamentos, sexualidade e práticas sexuais. Falavam de forma “aberta” sobre o tema e minha presença felizmente não pareceu constrangê-los em nenhum momento. Neste ponto, eu já tinha noção de boa parte dos termos, práticas mais comuns e papéis do universo BDSM, o que certamente facilitava nossas conversas e minha participação nestas. Foi nesse momento que apresentei para a maioria as minhas ideias quanto à pesquisa e felizmente todos se mostraram não só interessados, mas dispostos a contribuir.

Depois de cerca de uma hora, fomos para o bar que havia em cima deste. O lugar de encontro original. Com as pessoas que foram chegando: demais integrantes do grupo e amigos destes, acabamos por preencher três mesas do bar. Eram mais ou menos 15 pessoas presentes. A presença de mais pessoas acabou por dividir o grupo que estava na mesa anterior e formaram-se diversos micro-grupos nestas mesas, onde cada um falava sobre algo diferente. Ocasionalmente a conversa de um

grupo se estendia a outro e a mesa toda de repente estava falando de um único assunto. Próximo a mim, na mesa, estavam sentados além de Althea e Noctis, L – que além de praticante, também era artesão de lingerie e peças de roupas íntimas, em geral –, C e sua amiga – que irei identificar como A e que pelo que lembro, não era praticante. Althea fazia a maior parte das apresentações e explicava meu interesse em pesquisar os contratos fetichistas.

Perto das 1:30 da manhã, algumas pessoas começaram a ir embora, até restar aproximadamente metade do grupo que estava no bar, comigo incluso. O grupo que restou queria planejar algo para fazer naquele momento e Althea, então, convidou-nos para irmos para a casa dela e de Noctis. Fui com o grupo que ia caminhando, enquanto outro grupo foi de carro. Quando chegamos no condomínio, subimos até o apartamento; o grupo que fora de carro já nos esperava na porta do prédio. Lá dentro, sentamos um pouco para descansar da caminhada. Estávamos eu, Althea, Noctis, Lunitari, Lua, Act, C., A. e L. Althea perguntou se estavam no clima de fazer alguma play e alguns responderam que sim. O que queriam fazer? Act queria ser rope bottom no shibari.

No shibari, técnica de suspensão de sentidos japonesa que preza muito pela estética dos nós e arranjos das cordas, as duas partes – podem haver mais praticantes envolvidos, mas no geral estão divididos nestes dois papéis ainda – envolvidas na produção deste corpo amarrado são chamadas de Rope Top e Rope Bottom. O Rope Top é responsável por fazer os nós, os arranjos, manusear o corpo do Rope Bottom para

*imobilizá-lo corretamente. O Rope Bottom é aquele que é imobilizado e ele deve permanecer o mais imóvel possível para o que a imobilização seja bem-sucedida. É o Rope Bottom também que deve avisar o Top se os nós estão muito apertados ou muito soltos*³².

*Noctis então começou a dispor alguns tatames pela sala*³³ *e foi até uma gaveta buscar as cordas; tiramos nossos calçados para podermos pisar nos tatames sem sujá-los. As cordas são – é recomendado, ao menos que sejam – de algodão, para que não machuque a pele com o atrito – embora seja possível o uso de cordas “mais rústicas” como o cânhamo, para introduzir justamente o elemento da dor na prática, mas isso é mais comum no bondage, onde o foco está mais em suspender os movimentos do que o apelo estético do shibari. Além dos diversos níveis de complexidade na diversa possibilidade de nós e cruzamentos que há no shibari, está implicado nisso, a posição que o top deseja que o bottom fique imobilizado. Aproveitei enquanto ele organizava o espaço para fazer algumas perguntas sobre o que iria acontecer e sobre o shibari propriamente dito e sua relação com a prática. Noctis contou-me que aprendera a maior parte dos nós e*

³² Uma constante que fui percebendo nas práticas fetichistas é a de que existe uma exponencial maior exigência de competências técnicas da parte dos papéis dominantes – *tops* – do que dos papéis *bottoms*. No geral, é o *rope top*, por exemplo, que detém todo o conhecimento necessário para que a prática do *shibari* ocorra. Como falei antes acerca do conhecimento corporificado, todo papel implica um aprendizado e a obtenção de uma série de competências necessárias para que sejam “bem feitos”. Não pretendo criar uma hierarquia – para além das que já existem – entre os papéis, mas é notável a maior demanda de capacitação técnica das práticas por parte desses papéis *top*. Gregori observa o mesmo em seu trabalho ao conversar com seus interlocutores praticantes, como ela transcreve a fala de um: “os *subs* não precisam ter habilidades ou competências, não são desafiados e não precisam ter energia.” (2016, p. 168).

³³ Igual aos usados em ringues de artes marciais.

cruzamentos em vídeos instrutivos na internet – em sua maioria disponíveis no youtube mesmo. Quando as amarrações começaram, deixei-o concentrado à prática e às Rope Bottoms, para não o distrair.

Act foi a primeira a ser amarrada, seguida por L. e, por fim, A. Noctis deixou-as na mesma posição, mas fez uma por vez, já que até mesmo arranjos simples demandam muitos metros de cordas. São compradas, em geral, cordas de 10 metros de comprimento e é comum que um arranjo exija 30 ou mais metros de corda. Para a posição escolhida, que basicamente imobilizava as bottoms em um hogtie, ou seja, nós comumente usados por caçadores que implicam amarrar separadamente os braços e as pernas para que fiquem juntos e em seguida fazer mais um cruzamento que una os nós dos braços com os nós das pernas. O imobilizado fica então de barriga para baixo – durante a prática inteira – e quando está finalizado, tem seus braços e pernas unidos em suas costas, deixando-os totalmente sem movimentos nos membros. Noctis fez também cruzamentos nas costas e no peito das bottoms, fazendo um desenho de ampulheta deitada.

O top não só precisa das técnicas certas para os nós e cruzamentos, mas também precisa dispor de muita força e folego durante a prática. Força principalmente para erguer a bottom toda vez que as cordas precisam passar por baixo da mesma porque, a partir de certo ponto, a bottom já está incapaz de se mover sozinha – ao menos sem comprometer o trabalho feito. Durante toda a prática, Noctis perguntava às bottoms se estavam bem, se estava apertado ou solto demais. Quando finalizava os nós e cruzamentos, o top deixava uma corda como alça – a mesma que unia os nós dos braços com o das pernas – para que pudesse erguer no ar as bottoms. Esses são como elementos complementares e

são muito comuns durante as práticas fetichistas, assim como unir uma prática com outra. Não há limites para a combinação, além do contrato.

No fim da prática, ali estavam as bottoms, como estátuas vivas. O orgânico transformado em um objeto estético, estático – embora não inerte – que foi produzido, um objeto de prazer – mas que é seu próprio objeto de prazer também. Ainda que o grande esforço seja do top, o bottom tem a sua atuação em manter a cena. Silenciosas, só falam o que é necessário. Só ouvi uma delas em um momento, quando pediu para que apertassem mais os cruzamentos que haviam no peito. L. em certo momento, foi até Act e disse a ela como estava bela naquela posição empedernida. Beijaram-se carinhosamente, por fim.

Enquanto esta cena acontecia em um lado da sala, do outro lado, aqueles que não estavam sendo amarrados ou amarrando conversavam. Fiquei como entre os dois. Observando a prática e conversando. Ali as conversas foram mais íntimas: sobre relacionamentos e sobre práticas feitas no passado. Quase 4 da manhã, despedi-me deles e fui embora.

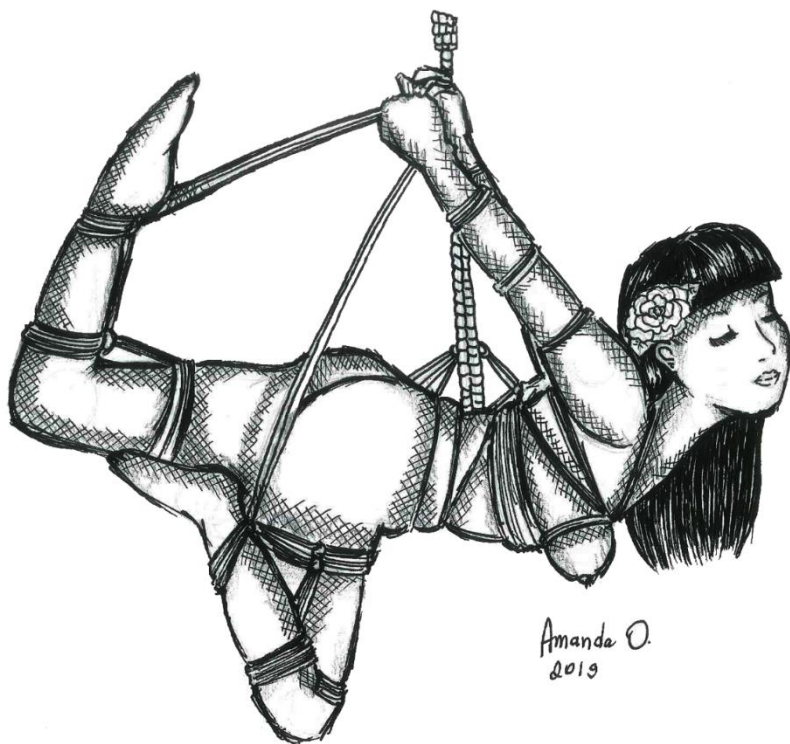


Imagem – Representação de *shibari*. *Shibari* é o nome que ficou popularizado no ocidente, mas refere-se originalmente ao *kinbaku*, tipo de *bondage* japonês com ênfase na estética. *Shibari* significa literalmente “amarrar”.

Trago este momento não somente por um valor descritivo quanto as práticas de meus interlocutores, mas porque foi um momento importante enquanto pesquisa, quando fiquei em meio aos dados, perdido quanto ao que eu observava em campo. Afinal, onde estavam os contratos que eu havia percebido durante os relatos que tive com meus interlocutores? Sendo um momento ainda do início de minha pesquisa, eu ainda buscava algo como contratos formalizados sempre que havia alguma cena. O que eu devia considerar, ao analisar os contratos em meu campo, era que a relação de intimidade entre meus interlocutores muitas vezes me ocultava essa presença explícita do contrato. Eu chegara no meio do “show”, onde os contratos estavam sendo “apenas” atualizados. Eu só percebi a questão da temporalidade da relação quando presenciei o contato de pessoas de fora do grupo – como a presença de amigos de amigos, presente no relato anterior – ou quando eu mesmo fui questionado quanto ao que me interessava nas práticas e nos papéis que haviam no universo BDSM. O que difere, majoritariamente, acerca da temporalidade das relações é se os contratos serão produzidos ou atualizados. Isso é imprescindível para o fetichismo na medida em que essa atualização é necessária para não só manter a proposta experimentalista – de sempre “expandir as fronteiras eróticas” (Gregori, 2016), mas para explorar possíveis novos roteiros que os fetiches – até mesmo os que já estavam implicados no contrato - permitam.

Quando fui rever minhas anotações, comecei a pensar no contrato e seu lugar no BDSM. Como *Lunitari* me contou depois: “os contratos estão, pelo menos, implícitos nas cenas”. Ela explica em seguida que, se estiver ocorrendo uma cena entre várias pessoas, na qual uma pessoa concorde que todos ali possam tocá-la, caso chegue um novo

praticante na cena, este praticante a princípio não poderá tocá-la, porque o contrato que ela tem é com aqueles que estavam ali – e o novo praticante não estava no momento do contrato. Sem o contrato não há o consentimento e não há a cena, porque não se produziram as relações entre os praticantes. Ela dá um exemplo que aconteceu com ela mesma, em outra cidade, em que em uma cena com diversos praticantes, antes de ser amarrada e vendada, ela combinou aquilo que poderia ser feito e permitiu que aqueles que estavam ali pudessem fazer – mas isso não estendia aos outros que iriam chegando na medida em que a cena continuava. Neste caso a parte ativa é investida mediante o contrato de uma responsabilidade para com a parte passiva, que não pode ver ou se mover. Isso porque o contrato necessariamente não define só o que será feito, mas também quem o fará, como expliquei antes. O contrato é algo que é feito por aqueles que farão a cena e ao ser feito, ele por sua vez também faz a cena.

Foi neste momento também que comecei a compreender o contrato como parte da prática fetichista, não podendo ser separado dela. Como falei antes, a distinção que faço, como recurso analítico, é a de cena e contrato – para as referências mais pontuais. É a partir da pergunta “*o que vamos fazer?*” que se despontou minha empreitada neste trabalho, ao observar que antes de falar das cenas em si, eu deveria falar daquilo que as precedia – ao mesmo tempo que as compreendia, mas que ainda assim era parte elementar do que é chamado a prática fetichista, o BDSM. É a partir desta pergunta também que desdobrei o contrato em duas dimensões, a do consentimento, que já tratei a respeito, e a dimensão performativa, que falarei em seguida.

Antes, entretanto, falarei brevemente de algumas formas com as quais os contratos aparecem no BDSM.

3.4. A performatividade dos contratos: da narrativa à recepção

Responder o que é o contrato, de fato, não é algo fácil, como o leitor deve ter percebido. O contrato não assume uma forma fixa porque muitas vezes sequer tem uma forma – tratando-se de materialidade. Não vi nenhum indício de que uma forma de contrato seja melhor que a outra. É comum que as formas se adaptem também com relação aos sujeitos e fetiches envolvidos. Como me contaram, alguns de meus interlocutores já tiveram diversas experiências de contratos – desde os formais planejados até os “decididos na hora” das cenas mais espontâneas. Eles dizem que se trata daquilo que funciona melhor com cada um dependendo do que será feito, o contrato deve partir de uma premissa que visa uma satisfação mútua. A própria ideia de performance coloca em xeque a “forma” (Zumthor, 2018), vendo inacessível sua totalidade. O prefixo *per* remete a algo que atravessa, que passa por cima, isso porque “a forma se percebe em performance, mas a cada performance ela se transmuda (idem, p. 32).

Além de os contratos não compartilharem de uma mesma forma, como foi dito, eles não podem ser fixos. Uma constante que me parece digna de nota é que o contrato tem um forte caráter de narrativa, na qual se apresentam os papéis, os fetiches e como estes tomaram ordem no que será a cena, isso enquanto ele dá os limites eróticos – e consequentemente práticos. O jogo na cena então, é brincar entre esses limites. É uma narrativa totalmente pensada em seus “receptores”. Tento explicar os contratos da forma como achei mais coerente entendê-los: entender os

contratos enquanto algo que faz. O contrato possui performatividade na medida em que ele *atua* como prática fetichista enquanto ele é “realizado”, ou seja, o “evento” que o contrato designa só acontece a partir da narrativa que o contrato estabelece (Fellman, 2003).

Outra reflexão que surgiu quanto aos contratos aparecerem como narrativas, é justamente a natureza dessa narrativa. O caráter descritivo destas narrativas, com a prerrogativa do contrato de responder “o que faremos? Como faremos? Quem faz com quem?” acaba construindo uma espécie de roteiro, com uma continuidade a partir da sequência de ações descritas ali. Estes tipos específicos de roteiros, parecem-me muito com o *sexting*³⁴, ato de ir narrando uma prática sexual a partir da descrição de cada ato e sentimento, assim como suas respostas. São semelhantes, mas não se trata da mesma coisa, assim como contratos não são “somente” roteiros. Entendo que compreender os contratos como roteiros parece bastante intuitivo: o roteiro para a cena. Esse é o caso de Gagnon e Simon (1973), que compreendem na prática sexual a presença de roteiros que organizam e situam os praticantes durante as experiências, esta noção certamente serve para pensar as dimensões performativas do contrato, na medida em que assim como o contrato delimita o que é erótico ou não é em cena, o roteiro compartilha deste mesmo objetivo. Entretanto, reitero que apontar os contratos como roteiro poderia causar um distanciamento de todas as suas demais implicações, eliminando a princípio uma atenção para suas dimensões não performativas, por exemplo; assim como

³⁴ O tema do *sexting*, inclusive, parece-me muito instigante para pensar outros tipos de contratos, assim como também seria instigante abordá-lo a partir de uma performance da escrita – assim como também da leitura, porém como o tema foge demais do tema original da monografia, deixo aqui apenas a reflexão e a possibilidade do mesmo, dado que encontrei poucos trabalhos que falassem sobre.

eliminar os elementos de negociação que estão envolvidos em todas as formas de contratos, usualmente, o que não é diferente no fetichismo.

Outro ponto para salientar ao leitor, é que o contrato não contempla somente os sujeitos envolvidos nas práticas, mas também os objetos. É como se o contrato os definisse como organismos à parte e que possuem seus papéis e lugares na cena também, lembrando o que Alfred Gell discorre em seu livro *Arte e Agência* (2018) a respeito da agência do objeto, na qual é atribuída uma intencionalidade – ainda que de natureza humana – às coisas – e objetos. Não só é atribuído, mas o objeto captura essa agência que parte da performatividade do contrato. Isso é algo importante para o fetichismo enquanto prática, principalmente pela vasta variedade de equipamentos, brinquedos eróticos e objetos que podem ser introduzidos nas cenas³⁵.

Há ainda outras formas de contratos eróticos do fetichismo que não foram contemplados neste trabalho, que são os contratos eróticos que envolvem algum tipo de transação monetária, na qual o fetichismo parece como um serviço e também um produto. Com a aceitação de muitas destas práticas, ao contestar o caráter patológico da mesma, assim como a onda de erotismo politicamente correto (Gregori, 2016), muito deste universo fetichista tornou-se comerciável. Querendo ou não, separados de seus ensejos lúdicos, os praticantes são consumidores também e são tratados como tal pelo mercado. Isso porque a aceitação – em um âmbito social – caminha junto com a comercialização. Seja nas *sex shops*, nos clubes

³⁵ Como meu foco não são as cenas, não irei discorrer muito acerca dos objetos e brinquedos eróticos que fazem parte de muitos fetiches e papéis. Caso o leitor tenha curiosidade sobre o tema, o livro de Gregori (2016) dá enfoque especial ao assunto. O clássico moderno de Beatriz Preciado, *Manifesto Contrassexual* (2002) também trata da relação da sexualidade com os objetos

fetichistas ou nas profissionais fetichistas – como por exemplo, as *prodommes*, dominatrix profissionais que ofertam sessões pagas de práticas fetichistas – o BDSM passou a fazer parte do mercado do desejo e do sexo. Com este elemento a mais, novos tipos de contratos surgem, até porque o dinheiro potencialmente tem um poder de dominação, portanto, acredito que esses outros contratos devam ser analisados separadamente, ainda que compartilhem de muitos elementos destes contratos que trago aqui, mas que não envolvem transações monetárias.

Por fim, quero apresentar um último aspecto dos contratos que notei em campo, devendo aqui ser compreendido sempre com os demais aspectos já apresentados, para que o leitor “veja” os contratos – sempre no plural - eróticos do fetichismo que eu vi.

3.5. Resignificar.

Como falei, o contrato permite que os praticantes ajustem seus papéis conforme necessário – e isso é, por sua vez, performance -, ressignificando prescrições sociais, como os papéis de gênero e a sexualidade – em uma tradição do erotismo em criticar as normas políticas e sociais. Isso permite que novas combinações de sexualidade surjam, combinações inclusive, que eu nunca tinha ouvido falar antes. É o exemplo dos heteroflexivos e os homoflexivos, respectivamente, heterossexuais que fazem práticas com sujeitos de mesmo sexo e homossexuais que fazem práticas com sujeitos de outro. Essas novas dinâmicas sexuais evocam muito a prerrogativa do experimentalismo, além de produzir novas relações entre os praticantes e o que é praticado,

na medida em que a própria noção de fazer sexo, ou melhor, do que é fazer sexo para um fetichista, é questionada.

O contrato, como entendemos aqui, é a aceitação de uma ordem simbólica fetichista e é a determinação de que é esta mesma ordem que, por sua vez, manifesta-se na cena – é assim que a prática fetichista também se manifesta como uma experiência estética outra. Resignificar é parte elementar dos contratos por ser uma demanda da prática fetichista, é transformar Tântalo em Eros,³⁶ é o processo de erotizar elementos não convencionados como eróticos. Mas não são somente as relações que são ressignificadas pelo contrato. A partir do mesmo, noções que poderiam naturalmente serem tratadas como oposições, também sofrem ressignificações para as cenas. É o caso de definir aquilo que é consenso e abuso a partir de uma lógica do desejo, e não de uma lógica do direito individual. O melhor exemplo que me vem são os anseios do masoquista: a dor e a humilhação, ou seja, a relação entre deleite e dor.

Resignificar dor em prazer não é um processo simples, ainda que em prática essa ressignificação pareça ter um caráter imediato: o masoquista recebe dor e, portanto, está sendo prazeroso. O contrato, entretanto, não define o quanto de dor ou de humilhação que uma pessoa pode receber. Os atos do que chamo de “agressão controlada” – poderia chamar também de agressão consentida, mas para além do consentimento, trata-se literalmente de uma dor na qual a parte passiva determina a “dor certa”, ou seja, o controle parte da parte passiva/submissa –, não podem ser formalmente definidos. Quando, durante a monografia, falei que em cena, há um jogo de brincar com os limites, não se trata de tentar transgredi-los ou de chegar em suas “bordas”, mas que a prática fetichista

³⁶ Respectivamente, os deuses da morte e do erotismo na mitologia grega.

se trata muito de uma relação de ação e reação entre os praticantes, onde as partes constantemente estão se testando. O corpo passivo responde ao golpe, apreende-o. É trabalho da parte ativa entender essa resposta e adaptar o próximo golpe, ato ou palavra a essa resposta. Por isso Deleuze questiona a passividade do masoquista (2009), porque é ele quem deve julgar a dor recebida. Portanto, a parte ativa, é um masoquista ativo, cujo trabalho é mais providenciar a dor que o passivo deseja, deleitando-se mais com o prazer com o qual o mesmo recebe os golpes e humilhações, do que com os atos em si – já o sádico flerta muito mais com o abuso, na medida em que o que lhe deleita é justamente a dor e as humilhações infligidas. Eis então a manutenção de assimetrias providenciadas pelo contrato.

Quando falo em “dor certa”, não me refiro à existência literal da mesma, já que esta é certamente uma variável interpessoal. Na verdade, como me conta *Lunitari*, existem diversos tipos de dores, muitas delas incluídas no que classifico como estas “agressões controladas”, ou seja, estabelecidas no contrato. A atualização do contrato serve muito bem aqui também, dado que nem sempre o masoquista está disposto a receber o mesmo tipo de dor, e mais do que isso, para *Lunitari* “apanhar da mesma forma perde a graça”.

O leitor não deve entender a resignificação de prazer em dor como algo paralelo, ou seja, quanto mais intensidade – mais dor –, maior será o prazer. O contrato vai determinar que a dor estará presente em cena – assim como determinará os objetos e atos que serão usados e feitos para alcançar tal dor, o que de certa forma implica também na questão da intensidade –, mas é na ação e reação que se percebem os limites claros, “qualificáveis” da dor.

Lunitari ainda discorre que dores diferentes são sentidas – apreendidas também – de formas diferentes. Em seu caso, a dor imediata, do tapa, da chibatada, remete-a ao prazer sexual, mas a dor extrema – ela é adepta de práticas consideradas como *hardcore*, ou sexo violento³⁷ – remete por sua vez mais à meditação do que ao sexo em si. É a questão do êxtase, do corpo apreendendo as sensações de formas diferentes, assim se produz momentos como o *subspace*.

Embora seja limitante dizer que seja seu fim, não podemos ignorar a potencialidade do contrato como uma forma de organização e manutenção da socialidade fetichista enquanto praticantes. Ainda mais considerando a natureza de certas práticas que são inescapavelmente perigosas. Como Maria Filomena Gregori aponta:

“As práticas eróticas são empreendimentos de risco: podem colocar em perigo as normas e convenções vigentes de gênero e de sexualidade e, desse modo, ampliar o escopo de experiências com prazeres e corpos. Mas não existem garantias de que consigam evitar os abusos e a violência” (2016, p. 181).

E mais:

“Os riscos, bem como as operações de controle, das várias modalidades de SM

³⁷ Como exemplos, há práticas que envolvem cortes, machucados intensos, sangue, perfurações, etc. Em geral estas práticas compartilham as características de serem mais intensas – dada suas próprias naturezas – e deixarem marcas, hematomas mais profundos e duradouros.

indicam que é preciso empreender esforços para analisar detalhadamente os vários contextos em que elas se apresentam, bem como as relações sociais e pessoais envolvidas. A preocupação com a segurança e com o consentimento dos praticantes funciona como uma espécie de ideal. Nenhum desses termos é facilmente acessível ou garantido” (p. 178).

Uma das formas de manutenção destes perigos, por exemplo, é a *safeword*, ou palavra de segurança, já citada antes. A *safeword* é definida sempre previamente à cena. E ao ser acionada, permite um diálogo para além das identidades performáticas, um diálogo de ser desejante para ser desejante, sem que haja uma quebra da performance; é uma forma de controlar os limites determinados da prática enquanto se encena a perda deste controle. Isso porque, como diz uma máxima entre os praticantes: “não” não é uma palavra de segurança. O contrato então é um jogo de justaposição entre as performances fetichistas e os sujeitos desejantes, ele impõe rigorismos, regras e etiquetas que não estão comumente presentes nas práticas fetichistas, mas é imprescindível para que estas funcionem idealmente. Ele permite e enfatiza a transgressão, na mesma medida em que produz novas normas. Logo, mais ainda do que o contrato ser parte da prática fetichista, produzi-lo é parte da prática fetichista.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS – POR UMA ANTROPOLOGIA DO EROTISMO

Há um misto de sentimentos no final de um trabalho, uma breve leveza que dá lugar a um novo peso. Encerrada a monografia, a pesquisa, o engajamento e a escrita tomam uma nova forma. Quando todas aquelas experiências e discussões se arranjam na pretensão de produzir um saber. É daí que vem este novo peso que me refiro. Tomada esta nova forma – que é nova também para mim –, pesam-me novas reflexões, um universo que se desponta, onde este trabalho representa um pequeno fragmento.

Este trabalho foi, sobretudo, um trabalho de recortes. O BDSM como objeto na antropologia, para além das discussões de gênero e sexualidade, apresenta um campo vasto para pesquisa. Um dos maiores recortes que fiz, por exemplo, foi o da distinção feita pelos praticantes entre cotidiano e fetichista, em que o cotidiano parece estar contido no termo nativo *baunilha*³⁸. O que me parece é que mais do que do que uma relação de oposição, estes dois “universos” distintos parecem ter uma relação muito mais de justaposições e deslocamentos, apontando para questões acerca da essência destes cotidianos e destes fetichismos. Esta, porém, é uma discussão que demandará mais tempo de engajamento.

Meu objetivo foi contribuir com as discussões acerca dos contratos, que apontam diretamente para as diferentes relações que se configuram em contextos eróticos diferentes. Também espero ter contribuído para instigar um fazer antropológico que apresente estas diferentes formas de pensar o erótico sem naturalizá-las, enquanto algo que pretende estar fora da norma.

Esta monografia tentou mostrar que não há um só contrato erótico, porque as formas de fazer sexo são muitas e as noções de erotismo também o são. Por isso, não poderia haver um, mas diversos contratos

³⁸ Do inglês *vanilla*.

eróticos. O que propus aqui é pensar em uma antropologia do sexo e uma antropologia do erotismo, dado que os modelos eróticos que apresentei aqui, não servem apenas como suprimentos para práticas sexuais, mas produzem novas relações com os corpos que também buscam o prazer. É o prazer buscado em modelos eróticos que questionem o que é “fazer sexo” e vão para além deste suposto fim.

O trabalho pretendeu demonstrar como uma forma de organização de relações permite a legitimação de práticas e sexualidades não normativas. Porque, como aponta Butler (2005), é no momento que se produz na sexualidade o que é norma, que se define também aquilo que lhe é periférico. Mas apresentar essa dimensão da legitimação destas outras práticas, não significa fazer parte de um processo de naturalizá-las. A relação entre prazer e perigo, o elemento periférico é parte do contexto fetichista e é algo que os praticantes fazem questão de manter.

Engajar-se neste campo, é se engajar também nos contratos. Consequentemente, é perceber uma miríade de novos tipos de erotizações e, é também compreender que estas fronteiras são flexíveis. Noutro viés, é entender que apesar da proposta de liberdade para os corpos e expansão dos limites da sexualidade, o BDSM se apresenta também como um novo mundo de rigores e normas. Algo que é tratado, principalmente, no primeiro capítulo.

É no segundo capítulo que empreendi o trabalho de apresentar ao leitor alguns dos variados aspectos dos contratos fetichistas que pude perceber em campo. É neste capítulo que aponto como os contratos devem ser compreendidos no plural, como cada um é produto e componente de um tipo de relação e de cena diferentes; e que não só o contrato, mas produzi-lo é parte da prática fetichista. Espero ter mostrado a importância

e a presença dos contratos, ainda que como vimos, ele não elimine totalmente os riscos das práticas fetichistas – de todo modo, não é esse seu objetivo. O BDSM não é somente um mundo de diversões – como pude mostrar com a problemática fetichista em potencialmente poder mascarar pressupostos e modelos sociais – como idealizam muitos de seus praticantes, mas se propõe constantemente em expandir as respostas da questão “o que um corpo pode fazer em questão de prazer?”.

O universo fetichista trabalha intensamente para construir um ambiente de práticas sexuais legítimas, onde o consentimento e a diversão imperam. Também trabalham em manter esta relação de oposição à norma. É um trabalho que demanda muita sensibilidade analítica articular estes dois aspectos, e tentar apresentar a articulação destes, foi certamente a minha tarefa mais difícil como escritor.

Agora a cena acaba e o contrato vence. Colocamos nossas roupas cotidianas, e vamos embora para casa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Pele de Vênus [*La Vénus à la fourrure*]. Direção de Roman Polanski. California Filmes, 2013 (90 min).

BATAILLE, G. O Erotismo. Belo Horizonte. Autêntica. 2013 [1957].

- BATESON, Gregory. "Forma, substância e diferença". Mimeo. Tradução em português de "Form, Substance and Diference". *In: Steps to an Ecology of Mind*. San Francisco: Chandler Pub, 1972
- BUTLER, Judith. *Bodies that matter. On the Discursive Limits of "Sex"*. New York: Routledge, 1993
- BUTLER, Judith. *Undoing Gender*. New York, Londres: Routledge, 2004.
- DELLEUZE, G. *Sacher-Masoch: O frio e o Cruel*. Rio de Janeiro. Zahar.2009[1967]
- DER WEID, Olivia von. 2015. "O corpo estendido de cegos: cognição, ambiente, acoplamentos". *Sociologia & Antropologia* v. 05.03: 935-960.
- DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo. *Sexualidades que Importam: Entre a Perversão e a Dissidência*. *In: Prazeres Dissidentes*. María Elvira Díaz-Benítez, Carlos Eduardo Fígari (orgs.). - Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- FELMAN, SHOSHANA. *The Scandal of the Speaking Body: Don Juan with J. L. Austin, or Seduction in Two Languages*. Stanford, California. Stanford University Press. 1983 [1980].
- FERREIRA DA SILVA, Denise. *À brasileira: racialidade e a escrita de um sujeito destrutivo*. *In: Revista Estudos feministas*, 14, 2006, pp. 61-83.
- FREUD, Sigmund. *Compêndio da Psicanálise*. Editora L&PM, 2014 [1940].
- GAGNON, John H; SIMON, W. *The Sexual Conduct: the social sources of human sexuality*. Chigago: Aldine, 1973.
- GELL, Alfred. *Arte e Agência*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

GOFFMAN, Erving. The Presentation of Self in Everyday Life. *In: Monograph No. 2. University of Edinburgh Social Sciences Research Centre 39 George Square, Edinburgh, 1956.*

GREGORI, Maria Filomena. Prazeres Perigosos. São Paulo. Companhia das Letras, 2016.

HAN, BYUNG-CHUL. A Agonia de Eros. Petrópolis: Vozes, 2017 (2012).

LAVE, Jean. 2015. “Aprendizagem como/na prática”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 37-47, jul./dez. 2015.

KULLICK, Don. Theory in Furs: Masochist Anthropology. *In: Current Anthropology*, vol. 47, Nº 6 (dezembro de 2006), pp. 933-952.

PATEMAN, Carole. O Contrato Sexual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008 [1988].

PRECIADO, Beatriz. Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições, 2014.

RUBIN, Gayle. Pensando Sexo. *In: Políticas do Sexo*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

SACHER-MASOCH, Leopold Von. A Vênus das Peles. Editora Hedra, 2013 [1870].

SCHECHNER, Richard. “O que é performance?” em *Performance Studies: na introducción*, second edition. New York & London: Routledge, p. 28-51, 2006.

SIMMEL, George. A sociologia das Sociedades Secretas. *In: Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, EDUFS, Vol 43, nº 1, p 219-242, Abril de 2009.

TURNER, Victor. Liminaridade e “Communitas”. *In: O Processo Ritual: estrutura e anti-estrutura*, Petrópolis: Vozes Ltda, 1974, pp. 116-159.

WEISS, Margot. *Techniques of Pleasure: BDSM and the Circuits of Sexuality*. DU Press Books. 2011

ZILLI, Bruno. *A perversão domesticada: BDSM e consentimento sexual*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, Recepção, Leitura*. São Paulo. Ubu Editora, 2018.